

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

THIAGO FERRAZ WILL

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO (1931-1939)**

**Vitória
2017**

THIAGO FERRAZ WILL

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO (1931-1939)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física na Linha de Pesquisa Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Omar Schneider

Vitória

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Will, Thiago Ferraz, 1991-
W689e O ensino de história da educação física no curso de
educação física do Espírito Santo (1931-1939) / Thiago Ferraz
Will. – 2017.
89 f.

Orientador: Omar Schneider.
Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e
Desportos.

1. Educação física - História. 2. Educação física - Espírito
Santo (Estado). 3. Monografias. I. Schneider, Omar, 1968-. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação
Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-527/O

THIAGO FERRAZ WILL

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO (1931-1939)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de Pesquisa Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer.

Aprovada em 30 de outubro de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Omar Schneider
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Carvalho
Silva de Sá
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Andrea Brandão Locatelli
Universidade Federal do Espírito Santo

Aos meus pais, Sérgio e Ana Cristina; aos meus irmãos, Ana Luiza e Charles (*in memoriam*); à minha esposa Miriã.

Aos membros do Proteoria.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação não se constrói sozinha nem apenas pelo esforço do autor, por isso tenho imensa gratidão pelas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho se concretizasse.

Primeiramente a Deus, meu refúgio e fortaleza.

Ao meu orientador, Professor Doutor Omar Schneider, que me apresentou o universo da pesquisa científica, pelas variadas possibilidades, diversidades e experiências que vivenciei graças à oportunidade de empreender minha caminhada na Iniciação Científica, no final do segundo período da graduação em Educação Física, no ano de 2011. Muito além de todas as competências profissionais como professor, pesquisador e orientador, tenho o prazer de tê-lo como um amigo e me sinto privilegiado pela sua amizade.

À Professora Doutora Andrea Brandão Locatelli, pela leitura criteriosa deste trabalho e pelas sugestões apresentadas, as quais possibilitaram um salto de qualidade nesta dissertação.

Ao Professor Doutor Amarílio Ferreira Neto, que gentilmente aceitou o convite para a qualificação da dissertação, pela contribuição com ponderações essenciais à reorganização final desta pesquisa.

À Professora Doutora Maria das Graças Carvalho Silva de Sá, pela disponibilidade em compor a banca examinadora na etapa de defesa da dissertação.

Aos professores e funcionários do PPGEF e aos colegas da turma de mestrado do ano de 2015, pelo muito que acrescentaram à minha formação acadêmica.

Aos Professores Wagner dos Santos e André da Silva Mello, pela prontidão e boa vontade em esclarecer as dúvidas que vinham surgindo ao longo do trabalho.

Aos membros do Proreitoria, especialmente a Marcela, Marcelo, Ronildo e Matheus Marin, pelo incentivo que me conferiram neste processo.

À minha esposa Miriã, pelo apoio em todas as circunstâncias, pela força quando me sentia fraco, pelo companheirismo em sonhar esse sonho comigo, tendo muitas vezes de abrir mão do tempo que poderíamos ter passado juntos para que esta pesquisa se concretizasse.

A meus pais, Sérgio e Ana Cristina, pela motivação em me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Ao CNPq e à Capes, pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou a dedicação exclusiva a esta pesquisa.

RESUMO

Busca discutir o ensino de História da Educação Física na Escola de Educação Física do Espírito Santo. Objetiva compreender como essa disciplina foi ensinada na década de 1930 e como seu conteúdo foi assimilado pelos estudantes e materializado em suas monografias. Como referencial teórico metodológico, utiliza os conceitos de lutas de representações (CHARTIER, 1990), estratégias e táticas (CERTEAU, 1994) e faz uso da crítica documental (BLOCH, 2001). Como fontes, utiliza os programas da disciplina História da Educação Física, os documentos do Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo e as monografias produzidas entre os anos de 1932 e 1939. Aponta a História da Educação Física como uma das disciplinas mais recorrentes nos currículos, pois se destaca como a apreciação da história evolutiva da Educação Física. Mostra que a disciplina, na década de 1930, tinha uma conotação diferente, pois era por meio dela que se procurava legitimar o Método Francês de Ginástica como sendo o ideal para as especificidades brasileiras, abordagem que se refletiu na elaboração das monografias dos estudantes, com a reprodução de um discurso que buscava tornar-se hegemônico.

Palavras-chave: História da Educação Física. Espírito Santo. Monografias.

ABSTRACT

It seeks to understand the teaching of the discipline History of Physical Education at the Physical Education School of Espirito Santo. It aims to understand how History of Physical Education was taught in the 1930s, and how the knowledge of this discipline was absorbed by the students and materialized in their monographs. As a theoretical methodological reference, it uses the concepts of representational struggles (CHARTIER, 1990), strategy and tactics (CERTEAU, 1994), makes use of documentary criticism (BLOCH, 2001). As sources, we use the programs of the discipline Physical Education History, the documents of the Permanent Archive of the CEFD/Ufes and the monographs produced between the years of 1932 to 1939. The teaching of history of physical education is one of the most recurrent subjects in the curriculum, because it stands out as being the assessment of the evolutionary history of physical education, on the other hand, the teaching of history of physical education in the 1930 had a different connotation, because it was through history that the attempt was made to legitimize the French Gymnastics Method as the ideal method for Brazilian specificities, reflecting this approach in the elaboration of student monographs with a reproduction of a discourse that sought to become hegemonic.

Keywords: History of Physical Education. Espirito Santo. Monographs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	19
PLANO DE EXPOSIÇÃO	22
1 A CADEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: PROFESSORES, PROGRAMAS E AVALIAÇÕES (1931-1939).....	23
1.1 INTRODUÇÃO	23
1.1.1 A instauração do Departamento de Educação Física do Espírito Santo.....	30
1.2 A CADEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (1931-1939): A MOBILIDADE DOS PROFESSORES.....	33
1.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	50
2 AS MONOGRAFIAS DISCENTES COMO FONTE: MODELOS, TEORIAS E AUTORES NA ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	52
2.1 INTRODUÇÃO	52
2.2 AS MONOGRAFIAS COMO ESPAÇO DE SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	56
2.3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CONTEXTO NAS MONOGRAFIAS.....	60
2.3.1 A História da Educação Física como tema central na escrita das monografias.....	67
2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	73
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
4 REFERÊNCIAS.....	80
4.1 FONTES DE APOIO.....	83
ANEXOS.....	86
ANEXO A – Decreto n.º 1.366, de 26 de junho de 1931, que estabelece a criação do Curso de Educação Física no Estado do Espírito Santo.....	87

INTRODUÇÃO

No ano de 2011, ingressamos na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no Curso de Licenciatura em Educação Física. Ao final do segundo semestre, foi-nos dada a oportunidade de nos aproximarmos e nos tornarmos membro do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria)¹, grupo criado em 1999, que atua no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Ufes. Seus projetos de pesquisa buscam compreender a *Constituição de Teorias da Educação Física no Brasil*, com o olhar voltado para a história e para a contemporaneidade.

O Proteoria procura analisar os caminhos para a formação de intelectuais, suas representações, as práticas de apropriação, os projetos e os resultados obtidos. O grupo também faz pesquisas sobre as temáticas do cotidiano, para compreender o movimento que permitiu a inserção da Educação Física e do esporte na cultura escolar². Nossa inserção no Proteoria possibilitou-nos a aproximação ao campo da pesquisa científica, levando-nos a nos dedicar aos estudos históricos, mais especificamente ligados à temática da História da Educação Física.

Durante a graduação, por meio dos estudos e projetos do Proteoria, pudemos desenvolver duas pesquisas de Iniciação Científica de caráter histórico: *Arquivos da Escola de Educação Física do Espírito Santo: o ensino da História da Educação Física entre as décadas de 1930 e 1960* e *O ensino de História da Educação Física no Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos na década de 1930: autores e temas em circulação*. Essas pesquisas abordaram o ensino de História da Educação Física em dois momentos: o primeiro, compreendido entre os anos de 1931-1961, e o segundo, nos anos de 1930.

¹ O Proteoria é um grupo formado por professores/pesquisadores graduados em Educação Física e com pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física ou na área da Educação, por alunos de pós-graduação e graduação (Iniciação Científica). Para maiores informações acesse <http://proteoria.org/>.

² A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. [...] para se entender a cultura escolar como objeto histórico: interessar-se pelas normas e pelas finalidades que regem a escola; avaliar o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho do educador; interessar-se pela análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares (JULIA, 2001, p. 9).

As pesquisas fizeram parte de um projeto maior, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Omar Schneider, denominado *História e Memória da Educação Física e do Esporte Capixaba*, que buscava compreender a história da Escola de Educação Física do Espírito Santo e a história do ensino da História da Educação Física entre a década de 1930, período em que o Curso de Educação Física do Espírito Santo foi instituído, e a década de 1960, quando o Curso foi federalizado, passando a Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/Ufes).

Para avançar nos conhecimentos sobre o ensino de História da Educação Física, ingressamos, no ano de 2015, no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação Física, na Ufes. O estudo desenvolvido para esta dissertação está inserido na linha de pesquisa *Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer*.

Buscamos nesta pesquisa analisar como foi ensinada a História da Educação Física no primeiro Curso de Educação Física do Espírito Santo, que teve seu início em 26 de junho de 1931. Analisamos também como os conteúdos dessa disciplina foram materializados pelos estudantes nos seus trabalhos de conclusão de curso.

Como fontes, buscamos documentos relativos ao período 1931-1939 no Arquivo Permanente do CEFD/Ufes, local reservado para se armazenar o registro do que foi produzido desde o início do Curso de Emergência em Educação Física, no ano de 1931, até períodos mais recentes, das décadas de 1980-1990. No Arquivo, identificamos uma série de materiais que possibilitaram a realização desse levantamento e fizemos uma seleção dos documentos encontrados. Localizamos um conjunto de documentos, tais como folhas de pessoal docente, livros de ponto de professores e funcionários administrativos, atas de reuniões dos docentes, programas de ensino, avaliações das disciplinas, quadros de notas referentes às disciplinas, dossiês de alunos, boletins diários, decretos, além de outros documentos avulsos daquele período.

Foram também localizadas, anexadas aos dossiês de alunos, as monografias que haviam sido produzidas ao final do processo formativo. Analisando essas produções, percebemos em alguns trabalhos que as temáticas abordadas se

relacionavam com os conteúdos estudados na disciplina História da Educação Física. Buscamos então compreender quais os usos que foram feitos pelos alunos ao escreverem sobre essa disciplina em seus trabalhos de conclusão de curso, pois essas produções poderiam indicar as apropriações dos conteúdos estudados em sala de aula pelos futuros professores de Educação Física, no decorrer de seu processo formativo.

Investigar o ensino de História da Educação Física possibilitou-nos compreender, por meio dos programas da disciplina, quais os conteúdos ensinados, bem como investigar, nas monografias, os registros dessa disciplina como uma forma de identificar os discursos produzidos e interiorizados pelos futuros professores de Educação Física.

De acordo com Carvalho (2003, p. 322),

[...] os estudos de história da escola no Brasil são ainda hoje muito incipientes. Não somente porque ainda são escassos os estudos sobre o tema nos períodos históricos que antecederam a proclamação da República, mas sobretudo porque o objeto “escola” não foi ainda suficientemente desembaraçado das malhas da narrativa que o produziram e o conformaram segundo determinados pressupostos políticos e teóricos.

Para compreender o que era ensinado, primeiro foi preciso entender o contexto que tornou necessária a criação do Curso e, assim, perceber o sentido dos saberes propostos no currículo.

Ao final da década de 1920, Getúlio Vargas teve crescente destaque no cenário político, articulando um movimento de oposição ao governo de Washington Luiz, incitando uma revolução que ficou conhecida como Revolução de 1930. Vargas assumiu naquele momento a presidência provisória do Brasil.

No cargo de Presidente, Vargas enfrentou dificuldades com a instabilidade política e social, e necessitava estruturar uma mobilização que pudesse instaurar a consciência nacional, o sentimento de pertencimento a um mesmo grupo, que se reconheceria pela brasilidade. Para tanto, o Presidente projetou uma reforma educacional que pudesse atingir todo o País.

Fávero esclarece:

Surge, então, um aparelho de Estado mais centralizado e o poder se desloca cada vez mais do âmbito local e regional para o central. Nesse contexto, o Governo Provisório, ainda em 1930, cria o Ministério da Educação e Saúde Pública, tendo como seu primeiro titular Francisco Campos, que elabora e implementa reformas de ensino — secundário, superior e comercial — com acentuada tônica centralizadora. Trata-se, sem dúvida, de adaptar a educação escolar a diretrizes que vão assumir formas bem definidas, tanto no campo político, quanto no educacional, tendo como preocupação criar e desenvolver um ensino mais adequado à “modernização” do País, com ênfase na formação de elites e na capacitação para o trabalho. Um ensino que contribuísse para completar a obra revolucionária, orientando e organizando a nacionalidade (FÁVERO, 1999, p. 20).

“Com o papel de destaque que os militares passaram a ocupar no Estado após a Revolução de 1930, a correlação de forças entre civis e militares ficou ainda mais favorável à implantação do projeto militar para a educação física” (CASTRO, 1997, p. 9).

Para realizar as reformas educacionais, Vargas nomeou Francisco Campos como ministro da Educação e Saúde Pública. No ano de 1931, Campos implementou o que veio a ficar conhecido como “Reforma Francisco Campos”, estabelecida por meio do Decreto n.º 19.890, em abril de 1931, tornando obrigatório o ensino da Educação Física e adotando oficialmente o Método Francês em todos os níveis de ensino. De acordo com Correa (2009, p. 51), “[...] a Reforma Campos foi a primeira reforma educacional em âmbito federal daquele século a contemplar a obrigatoriedade da Educação Física [...]”.

Foi por meio dos militares formados na Escola de Educação Física do Exército que a Educação Física, com base no Método Francês, foi introduzida. Posteriormente, foi estabelecida no meio civil, que tinha como interlocutor o exército brasileiro e os militares franceses.

Castro acrescenta:

No Brasil, já em 1921, foi aprovado o Regulamento de Instrução Física Militar, destinado ao Exército e calcado no Projeto Francês, por influência direta da Missão Militar Francesa, recentemente chegada ao Brasil. No ano seguinte, uma portaria do Ministro da Guerra (10/1/1922) criou um Centro Militar de Educação Física, destinado a “dirigir, coordenar e difundir o novo método de educação física e suas aplicações desportivas”. A portaria estabelecia [...]: “O curso de instrutores e monitores será dirigido por um oficial da Missão Militar Francesa, auxiliado por dois oficiais brasileiros conhecedores do novo método de educação física e indicados pelo Estado-Maior do Exército” (CASTRO, 1997, p. 5).

Ferreira Neto (1999) afirma que a doutrina do Exército não permite interpretações diversas, porém considera: “[...] é razoável concluir que o caminho da Educação Física da ‘caserna à escola’ civil tenha aberto algumas ‘fendas’ no aludido Regulamento, na forma em que foi aplicado à tropa no Brasil” (FERREIRA NETO, 1999, p. 58), e sinaliza que o projeto pedagógico da Educação Física, embora tenha sido construído com o aval dos militares, não lhes pertencia exclusivamente.

No Espírito Santo, o Capitão João Punaro Bley, formado na Escola Militar do Realengo, Rio de Janeiro, e na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, foi nomeado por Getúlio Vargas para o cargo de Interventor Federal.

O Interventor Federal implementou reformas na educação no estado do Espírito Santo, que possibilitaram a criação da Escola de Educação Física para civis. O objetivo inicial dessa escola foi oferecer capacitação aos professores normalistas, especializando-os, e, posteriormente, licenciar professores para ministrar a Educação Física no ensino secundário, conforme previa a Reforma Francisco Campos, no artigo 9.º: “Durante o ano letivo haverá ainda, nos estabelecimentos de ensino secundário, exercícios de educação física obrigatórios para todas as classes” (CAMPOS, 1931, p. 1).

Com o auxílio dos Tenentes do exército Carlos Marciano de Medeiros, Wolmar Carneiro da Cunha e Horácio Cândido Gonçalves, do Desembargador João Manoel de Carvalho, de Heitor Rossi Belache, de Waldemar Coelho e do Dr. Fernando Duarte Rabello, o Interventor João Punaro Bley assinou o Decreto n.º 1.366, de 26 de junho de 1931 (Anexo A), que criou o Departamento de Educação Física do Espírito Santo.

O Departamento passou a funcionar no Estádio Governador Bley, onde operou nos três primeiros meses como Curso de Emergência em Educação Física, posteriormente como Escola de Educação Física do Espírito Santo, e, em 1939, como Curso Superior de Educação Física.

Com a instalação do Curso Superior de Educação Física do Espírito Santo, criaram-se também disciplinas a serem ministradas e geraram-se documentos que eram produzidos no interior da Instituição no decorrer do ano letivo.

Esses documentos estão guardados no Arquivo Permanente do CEFD/Ufes, onde é possível encontrar alguns programas de ensino das disciplinas, informações sobre a movimentação de professores no interior do Curso e sobre as matrículas de alunos, avaliações das disciplinas, livros de ponto de professores e funcionários, entre outros.

A documentação gerada anteriormente ao ano de 1961³ passou a constituir o arquivo morto, funcionando como arquivo histórico da administração do Curso, guardando a memória do que foi a Instituição, suas disciplinas, seus professores e suas propostas de ensino.

Atualmente funciona como um Arquivo Permanente⁴, que cria possibilidades de acesso aos documentos para pesquisas. Ao buscarmos as fontes para este estudo, localizamos a as monografias produzidas na década de 1930.

De acordo Bruschi (2015, p. 104), “[...] a elaboração da monografia passa a se tornar obrigatória a partir da segunda turma oferecida pela instituição, o chamado Curso de Férias, ocorrido entre dezembro de 1931 e março de 1932, para o Curso de Formação de Professores”. A apresentação da monografia era um dos requisitos para a aprovação e aquisição de diploma de professor de Educação Física.⁵

O Arquivo Permanente configura-se como a memória do Curso, porém é preciso ficar atento, pois os registros são pistas⁶ de como as disciplinas podem ter sido ministradas. Os registros apresentados formam um conjunto de elementos que nos possibilitam compreender, parcialmente, como se dava o funcionamento do Curso e das disciplinas que eram ofertadas aos alunos, em especial para este trabalho, o conteúdo ensinado na História da Educação Física.

³ A Escola de Educação Física do Espírito Santo foi federalizada no ano de 1961 e, posteriormente, no ano de 1971, passou a constituir um centro próprio incorporado à Universidade Federal do Espírito Santo, sendo chamado de Centro de Educação Física e Desportos.

⁴ Local onde se encontra a documentação da Escola de Educação Física do Espírito Santo. Essa documentação pode auxiliar-nos, por meio dos registros ali preservados, na compreensão de como possivelmente ocorreram os processos de ensino da disciplina de História da Educação Física.

⁵ Para os cursos de instrutor e monitor era dispensada a produção da monografia no final do curso.

⁶ Para Ginzburg (1989), os elementos históricos, contextuais, são as pistas que dão ao caçador instrumentos para chegar ao seu objetivo.

Para compreender os sentidos dos documentos, utilizamos as reflexões de Le Goff (2003, p. 536):

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Le Goff (2003) afirma que os documentos nunca são neutros; são o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história de uma época.

A ordem dos documentos como estratégia busca direcionar-nos na compreensão de seus usos e suas relações com as produções de um determinado período. Segundo Certeau (1982, p. 41), uma produção historiográfica “[...] começa com o gesto de separar, reunir e de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”.

Ao buscarmos entender a constituição do ensino da História da Educação Física na Escola de Educação Física do Espírito Santo, procuramos perceber como os conteúdos dessa disciplina foram materializados nas monografias dos estudantes. Podemos assim entender como aparecem os temas abordados no corpo textual das monografias, os saberes que foram explorados pelos alunos em seus trabalhos.

Para desenvolver o estudo, foi fundamental realizar uma investigação dos documentos relativos ao período 1931-1939 no Arquivo Permanente, pois neles havia a possibilidade de se localizarem as pistas que sinalizavam o modo como foi ensinada a História da Educação Física.

Assim, foi possível localizar um conjunto de documentos referentes à cadeira de História da Educação Física. Os documentos foram separados e organizados em séries. Essa estruturação permitiu-nos compreender como eram estudados os conteúdos dessa disciplina no Curso.

A análise dos documentos encontrados no Arquivo Permanente permitiu-nos entender que esses registros se constituem em indícios das práticas de ensino, que

podem revelar como ocorreram as discussões sobre os saberes que constituíram o ensino da História da Educação Física, como eram abordados pelos professores e transmitidos aos alunos naquele momento, como eram apropriados pelos alunos e posteriormente convertidos em monografias.

Para dissolver algumas inquietações, procuramos responder a algumas questões: Como os conteúdos estudados na disciplina História da Educação Física se materializavam nas monografias dos alunos que buscavam discutir a história? Como estavam presentes os saberes históricos na formação dos alunos? Quais eram os assuntos que compunham o núcleo da disciplina? Qual a função da história no ensino da Educação Física naquele momento?

Essas indagações permitem-nos compreender o sentido dos saberes históricos, uma vez que eles aparecem em algumas monografias produzidas pelos alunos do Curso durante a década de 1930. Como muitas monografias assumiam a história como objeto, entendemos que a História da Educação Física se apresentava como algo importante para a formação dos professores naquele período.

Na análise dos documentos do Arquivo Permanente, trabalhamos com a crítica documental, um procedimento metodológico que nos permite compreender o documento em sua historicidade (BLOCH, 2001). De acordo com o autor, um documento é sempre carregado das intencionalidades de quem o produziu, e é papel do pesquisador ter um olhar crítico ao que está escrito nos documentos oficiais, pois o que fica como registro para a posteridade são apenas partes dos acontecimentos que foram selecionados. Tal fato não significa que o que está escrito seja o que realmente aconteceu, pois pode haver outros elementos que estão postos em questão, mais por conveniência ou por propósito de quem os escreveu, e muitas vezes não estão registrados.

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da História é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios da paisagem, [os artefatos ou as máquinas] dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas no máximo um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o

ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2001, p. 54).

No estudo, foi realizada uma análise dos documentos que compõem o Arquivo Permanente⁷, por entendermos que esses registros se constituem em indícios de como era possivelmente realizado o ensino de História da Educação Física e de como foi organizada a periodização dos assuntos que compunham os saberes das disciplinas que foram ministradas no Curso.

As temáticas dos trabalhos monográficos eram de livre escolha, ou seja, os alunos, naquela ocasião, tinham, de certa forma, autonomia para dissertar sobre algum assunto referente à Educação Física, que havia sido estudado ou vivenciado no interior da Instituição. As temáticas desenvolvidas por eles em seus trabalhos se relacionavam com as expectativas relativas ao desempenho de um aluno que estava sendo formado em Educação Física.

Para Certeau (2004), não é possível pensar uma uniformização das práticas dos indivíduos, pois cada sujeito tem suas particularidades e formas diferentes de se apresentar nos espaços públicos. Assim, utilizam-se das *táticas* como uma forma de se movimentar no jogo daqueles que detêm o poder, promovendo ações sutis, porém necessárias para que possam persuadir uma realidade.

O estudo apresenta uma discussão que abre possibilidades para compreender com os saberes da disciplina são incluídos na formação dos professores, o que cria possibilidades de investigações históricas e contribui para a compreensão de como foram sistematizados e organizados os conteúdos dos programas das disciplinas, entre elas, a História da Educação Física.

⁷ Atualmente o Arquivo Permanente encontra-se em processo de recuperação e tratamento. Essa iniciativa faz parte de um projeto de extensão denominado *Arquivo Permanente: em busca da memória institucional da Ufes*, sediado no Departamento da Arquivologia, e compõe um projeto maior intitulado *Memórias da Educação Física e do Esporte no Espírito Santo: organização e tratamento dos arquivos do CEFD/Ufes*, que vem sendo desenvolvido pelo professor Omar Schneider desde o ano de 2012.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Utilizamos como fontes os documentos do Arquivo Permanente. Ao examiná-los, o nosso olhar voltou-se para a compreensão da forma como foi realizado o ensino da História da Educação Física, do modo como aparece nos programas o ordenamento dos conteúdos e de como esses conteúdos foram apropriados e utilizados nas monografias produzidas pelos alunos, no final de seu processo formativo. Evidenciamos as formas utilizadas naquele contexto, pelas quais os homens de um determinado período buscaram responder, mesmo que discursivamente, aos problemas que lhes foram apresentados e compreendidos como a História da Educação Física.

Conhecendo o ensino proposto e o que é realizado pelas instituições educacionais, criam-se possibilidades para se analisar a circulação dos modelos pedagógicos e os meios para sua apropriação, transformação e uso.

A análise desses documentos possibilitou compreender os sentidos que se atribuíam ao conteúdo do que era entendido como História da Educação Física e o material e a bibliografia disponíveis que eram utilizados nessa disciplina. Por meio das monografias, observamos os saberes produzidos pelos alunos e a materialização dos conteúdos ensinados referentes à História da Educação Física.

Na análise dos documentos, utilizamos a proposta metodológica de Marc Bloch (2001) e a sua reflexão contida na afirmação: “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). Recorrendo a uma pluralidade de documentos, podemos compreender o cenário que está presente, ou melhor, os vestígios deixados para a posteridade.

Bloch (2001) nos dá uma importante contribuição ao esclarecer acerca de como devemos interrogar as fontes, pois, para o autor, por mais que os documentos aparentemente apresentem informações de forma clara, “[...] eles não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001, p. 79).

Conhecendo o ensino de História da Educação Física, também podemos identificar, por meio das monografias produzidas, os saberes que os alunos puderam processar e transformar em seus trabalhos de final de curso.

Podemos compreender, além disso, as ementas, os conteúdos propostos, as referências bibliográficas, as continuidades e discontinuidades do que vem sendo proposto como conteúdos em circulação, a produção intelectual, os temas oferecidos para serem ministrados e os usos e transformações desses objetos, atribuindo-lhe em sua materialidade uma concepção de ensino de História da Educação Física.

Le Goff (1990), no que tange à continuidade e à discontinuidade, diz:

[...] gostaria de acabar a primeira parte deste ensaio insistindo no fato de que o historiador deve respeitar o tempo que, de diversas formas, é a condição da história e que deve fazer corresponder os seus quadros de explicação cronológica à duração do vivido. Datar é e será sempre uma das tarefas fundamentais do historiador, mas deve fazer-se acompanhar de outra manipulação necessária da duração – a periodização – para que a datação se torne historicamente pensável (LE GOFF, p. 48).

A análise das monografias permite ao historiador uma reflexão a respeito da natureza da história como discurso acerca da realidade e, para além disso, da forma como o historiador executa o seu ofício para compreender tal realidade. Ela deve ser apreendida, segundo Roger Chartier, como o estudo dos processos com os quais se estabelecem significados, já que as representações podem ser pensadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Pelas monografias elaboradas no período de 1932 a 1939, podemos perceber os discursos ali reproduzidos, o que, para Chartier (1990, p. 17), é “[...] o modo de identificar como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler”. O autor assim compreende as produções, os discursos que são produzidos:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forja. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem o utiliza. As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que

tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador, ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p. 17).

A documentação acumulada no Arquivo Permanente apresenta-se como fonte privilegiada para se compreender como foi organizado o Ensino de História da Educação Física. Entretanto, devemos atentar para o fato de que os documentos nos dão apenas possibilidades de encontrar pistas sobre como os saberes da História da Educação Física foram ensinados aos alunos e como esses alunos utilizaram esses saberes para produzir as monografias. Apesar de a documentação ser importante, faz-se necessário reconhecer que tais fontes não são neutras; são documentos que, segundo Le Goff (2003), se constituem em monumentos construtores de memória.

Bloch (2001, p. 83) afirma que,

[...] a despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de serem apenas o alcance de exercícios técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações.

Mas o autor adverte que os documentos também podem ser fraudados, por isso o pesquisador deve estar atento ao que foi deixado como registro para a posteridade: “Com tinta qualquer um pode escrever qualquer coisa” (BLOCH, 2001, p. 89).

Cabe ao historiador, por meio da crítica documental, compreender as condições de produção dos documentos/monumentos, seus usos e sua relação com os outros documentos/monumentos que foram produzidos no mesmo período ou anteriormente a eles.

A descrição dos caminhos metodológicos elaborados para a pesquisa se faz necessária por entendermos que a análise dos programas da disciplina História da Educação Física e das monografias contidos no Arquivo Permanente confirma a relação existente entre o resultado final do trabalho e os caminhos escolhidos para sua produção.

PLANO DE EXPOSIÇÃO

A dissertação foi planejada em formato de artigos independentes, que se correlacionam. Assim, as temáticas do ensino de História da Educação Física foram divididas em dois capítulos.

No capítulo intitulado *A Cadeira de História da Educação Física: Professores, Programas e Avaliações (1931-1939)*, buscamos investigar o ensino da disciplina História da Educação Física. Para isso, utilizamos os programas da disciplina contidos no Arquivo Permanente, com o intuito de compreender quais eram os conteúdos apresentados como temas vinculados à História da Educação Física.

No segundo capítulo, com o título *As Monografias Discentes como Fonte: Modelos, Teorias e Autores na Escrita da História da Educação Física*, fazemos um levantamento dos trabalhos de conclusão de curso produzidos entre 1932 e 1939. Ao todo foram localizadas 127 monografias, que foram organizadas em três grupos. No processo, identificamos 31 trabalhos relacionados com a História da Educação Física. Destes, 21 utilizavam-se do conteúdo da disciplina para contextualizar seu tema, e dez tinham como tema central discutir a História da Educação Física.

1 A CADEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: PROFESSORES, PROGRAMAS E AVALIAÇÕES (1931-1939)

Resumo: Analisa as formas como foi ensinada, durante os anos de 1931-1939, a História da Educação Física no Curso de Educação Física do Espírito Santo. Objetiva investigar o que era entendido como conteúdo dessa disciplina. Utiliza como fontes os documentos do Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Assume como referencial teórico-metodológico a crítica documental (BLOCH, 2001), para analisar os documentos do Arquivo Permanente, e estratégias e táticas (CERTEAU, 2004), para compreender as relações de poder dentro do jogo político entre os indivíduos. Conclui que a disciplina História da Educação Física tinha como finalidade oferecer a noção geral sobre o que deveria ser compreendido como a Educação Física na história das civilizações e como cada povo, desde a pré-história até aqueles dias, organizaram, com as suas práticas corporais, os métodos ginásticos. Essas práticas eram estudadas pelos futuros professores da disciplina e entendidas como a História da Educação Física.

Palavras-chave: *História da Educação Física. Documentos. Educação Física.*

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, analisamos o ensino da História da Educação Física como uma disciplina que compunha o currículo do Curso de Educação Física do Espírito Santo, criado em 26 de junho de 1931. Buscamos, por meio dos programas de disciplinas, analisar quais eram os temas que naquele momento faziam parte dos conteúdos do ensino da história da área.

No processo de análise dos programas, procuramos problematizar os conteúdos ministrados na disciplina História da Educação Física. Algumas inquietações precisam ser explicitadas para que possamos perceber o desenvolvimento dessa disciplina: Quem eram os professores da cadeira de História da Educação Física na primeira década do Curso? Quais eram os conteúdos

presentes nos programas? Por meio de quais suportes os saberes dessa disciplina circulavam na escola?

Para o desenvolvimento do estudo, utilizamos as teorias de Marc Bloch (2001), o que permitiu fazer a *crítica documental*, elemento importante para compreendermos as relações e as condições de produção desses registros, seus usos e sua relação com outros documentos que foram produzidos. Trabalhamos também com Le Goff (2003), para pensar os *documentos como monumentos*; com Certeau (2004), para compreender as *estratégias e táticas* que ocorriam na Instituição, e, por meio das proposições de Chervel (1990), buscamos compreender como essa disciplina estava estruturada dentro do currículo.

Seguindo Bloch (2001), aplicamos o modelo da crítica documental, procedimento metodológico que nos permite pensar os documentos em sua materialidade, questionando os processos de seleção das informações, os protocolos utilizados para dar sentido ao texto, que fazem com que ganhem sentido também dentro da série documental. Para além do questionamento do conteúdo, essa proposta auxilia-nos a perceber o documento como materialização de lutas de representações, que disputam o conteúdo impresso, a sua circulação e a sua preservação em um acervo. O Arquivo Permanente, que nasceu no Curso de Educação Física do Espírito Santo, passando pelo rigor de um corpo docente, define o que deve ser registrado e preservado no que diz respeito aos documentos.

Na análise de documentos, segundo Bloch (2001), o historiador deve estar atento às intencionalidades contidas nos documentos, pois tudo o que o homem toca tem uma finalidade; não é por acaso que algumas informações aparecem nos documentos e outras não. Por isso, a crítica documental deve ser a lupa que o detetive utiliza para ampliar o campo de visão e enxergar, através da lente, os detalhes que estão nas linhas, percebendo aquilo que foi dito, mesmo sem o querer dos autores da informação.

Para Bloch (2001), não basta ter fontes, documentos, se o historiador não souber questioná-los: “Pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os que são aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001, p. 71).

Outro ponto importante que deve ser cuidadosamente planejado na pesquisa é a periodização, pois, para o historiador, uma das tarefas mais árduas se encontra na atividade de reunir fontes para efetuar seus estudos. Por isso, a delimitação histórica auxilia na tarefa de considerar os documentos como se fossem uma caça, que nem sempre está disposta a colaborar. Com essa concepção, criam-se possibilidades de compreender e aprofundar os acontecimentos dentro da periodização, dando visibilidade às intenções, aos desejos e às lutas de representações de um grupo dentro da sociedade.

As fontes, os objetos, os vestígios, os rastros deixados têm os seus limites. Por isso, nenhum historiador que tenha como referência a História Cultural deve ter a pretensão de estabelecer uma verdade, por meio de seus documentos, pois estamos lidando com as probabilidades, com os limites da observação e da interpretação, ou seja, com o verossímil.

Bloch (2001) adverte que os documentos podem ser falsificados e virem a compor uma série documental:

Uma experiência, quase tão velha como a humanidade, nos ensinou que mais de um texto se diz de outra proveniência do que de fato é: nem todos os relatos são verídicos e os vestígios materiais, [eles] também, podem ser falsificados. Na Idade Média, diante da própria abundância de falsificações, a dúvida foi [frequentemente] como um reflexo natural de defesa. **“Com tinta, qualquer um pode escrever qualquer coisa”**, exclamava, no século XI, um fidalgo provinciano loreno, em processo contra monges que se armavam de provas documentais contra ele (BLOCH, 2001, p. 89, grifos nossos).

O historiador deve estar atento a tudo o que está ao seu redor, pois tudo deriva de causas humanas, “[...] tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que pode tocar pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). Cabe ao historiador ter sensibilidade para perceber esses detalhes. Conhecer a história do homem no tempo é dar sentido à pluridiversidade, nas perspectivas culturais, sociais, políticas e econômicas de uma sociedade feita por homens e mulheres, às conquistas da nação, ao desdobramento dos acontecimentos de causa natural, de batalhas ou de guerras. Entendemos que o papel do historiador é problematizar os acontecimentos históricos. Devemos, pois, estudar a história a fim de conhecer os fatos que se sucederam ao longo dos anos e compreender os aspectos políticos e

culturais e as condições em que sociedade se foi organizando, até chegar ao panorama dos dias atuais.

Para compreender os documentos contidos no Arquivo Permanente, utilizamos as proposições de Le Goff (2003). Por isso, passamos a perceber que eles se configuram como história, como memória, que se configuram como monumentos do passado. Entendemos que os documentos utilizados no estudo não são neutros, que são resultado de ações, conscientes ou inconscientes, e que devem ser analisados para compreendermos os seus significados.

Consideremos a opinião de Le Goff (2003, p. 536):

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Le Goff (2003) alerta que os documentos/monumentos nunca são neutros, porém resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente. Apesar dessa característica, eles ainda nos podem revelar as práticas das quais são produtos; sua relação com outros documentos é necessária para que possam ser compreendidos em sua materialidade.

Ao analisar os documentos, ficamos atentos às *estratégias* e *táticas*, pois entendemos que os registros deixados podem ser construções retóricas dos secretários e inspetores. Possivelmente, em seus argumentos, esses atores se utilizavam de táticas com a finalidade de obter melhorias para o Curso de Educação Física do Espírito Santo, deixando documentados acontecimentos que ocorriam nas atividades cotidianas da Instituição.

Conforme o estudo de Certeau (2004), existem dois conceitos para compreender o cotidiano, denominados *Estratégias* e *Táticas*. O autor chama de estratégia,

[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo* próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.) (CERTEAU, 2004, p. 99);

e de tática,

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma [...] a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] (CERTEAU, 2004, p.100).

Certeau (2004) vai chamar essas ações de tática, quando o ator se encontra em uma posição de desvantagem, buscando meios para modificar tal situação; e de estratégia, quando se apresenta em uma condição privilegiada de poder, com a intenção de buscar manter a ordem e o controle.

Neste estudo sobre a disciplina, trazemos Chervel (1990), para compreender e diferenciar o que se configura como disciplina, matéria e conteúdo. O autor explica que o termo disciplina já teve um sentido diferente do que tem hoje. Na França, somente após a I Guerra Mundial é que o termo passou a perder a força que o caracterizava; sinônimos foram-lhe atribuídos, como matéria de ensino, conteúdos, como uma possível definição da palavra disciplina⁸, porém, não são capazes de dar conta do seu real significado.

O autor considera que as disciplinas escolares se reduzem a metodologias, de modo que o ofício do professor consiste em buscar formas de ensino que permitam aos alunos uma assimilação dos conteúdos ensinados. As disciplinas escolares, de modo geral, podem ser compreendidas como produto cultural, em que “[...] a escola ensina, sob esse nome, um sistema, ou melhor, uma combinação de conceitos mais ou menos encadeados entre si” (CHERVEL, 1990, p.181). Esses conteúdos são os

⁸ Fazendo um empréstimo do latim, *disciplina*, que designa “a instrução que o aluno recebe do mestre”, seria uma hipótese plausível. Para o autor, a história das disciplinas escolares está ligada à premissa de que a escola é um espaço de criação, e as disciplinas produzidas no interior das instituições têm sua relação com a cultura escolar. “Uma ‘disciplina’ é igualmente, para nós, em qualquer campo que se encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer, de lhe dar os métodos e as regras para abordar diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte” (CHERVEL, 1990, p. 180).

meios utilizados para se alcançar uma finalidade. Chervel afirma que os resultados das análises historiográficas impedem que “[...] se considere [a História] uma matéria como uma vulgarização científica” [...], mas “[...] que ela foi historicamente criada pela própria escola e para a escola. O que já bastaria para distingui-la de uma vulgarização” (CHERVEL, 1990, p. 181). O autor salienta que há uma distância entre o saber “erudito” das ciências de referência e o saber “ensinado” dos modelos pedagógicos, e faz uma crítica a esse pensamento. Para ele,

[...] excluir a pedagogia do estudo dos conteúdos é condenar-se a nada compreender do funcionamento real do ensino. A pedagogia, longe de ser um lubrificante espalhado sobre o mecanismo, não é senão um elemento desse mecanismo, aquele que transforma os ensinos em aprendizagens (CHERVEL, 1990, p. 182).

O autor salienta que a história dos conteúdos e a história das disciplinas escolares apresentam uma lacuna grave. “O ensino de história e dos instrumentos de ensino é vergonhosamente negligenciado por aqueles dentre nós que desejam compreender a fundo o ensino do passado” (CHERVEL, 1990, p. 183). Dessa maneira, cabe aos historiadores a missão social crítica de resgatar a memória do passado. Devemos lembrar que, antes de a História se configurar como um campo de pesquisa, ainda é um campo pedagógico. Assim sendo, não podemos descuidar do ensino da história das disciplinas e da sua historicidade.

Conforme o autor:

A história das disciplinas escolares não deve, entretanto, ser considerada como uma parte negligenciada da história do ensino que, depois de corrigida, viria a lhe acrescentar alguns capítulos. Pois não se trata somente de preencher uma lacuna na pesquisa. O que está em questão aqui é a própria concepção da história do ensino. Afora algumas exceções notáveis, toda a tradição historiográfica francesa na matéria se inspira numa concepção redutora. História das instituições educacionais, ela se comporta exatamente como toda história das instituições, judiciárias, religiosas ou outras. História das populações escolares, nada a distingue, em seu princípio, de todos os estudos sobre os corpos de matérias ou os grupos sociais. Quanto à história das políticas educacionais ou das idéias pedagógicas, elas não fazem segredo, nenhum [sic] nem outra, de sua dependência das rubricas históricas bem conhecidas (CHERVEL, 1990, p. 183).

Por isso, compreender a história da disciplina é, em parte, buscar interagir com a sociedade e com a política que a configurou. Entender a história em torno das disciplinas escolares no interior das instituições de ensino ajuda-nos a compreender essas instituições e as relações de força, jogos de poder, da política educacional ou

das orientações pedagógicas, que, em última instância, reconfiguram seus conteúdos de ensino. Além dos saberes, a educação escolar, por meio das disciplinas, realiza um trabalho adaptado para o seu contexto, para que os conteúdos se tornem transmissíveis aos alunos, um tipo de transposição didática. Dessa forma, as instituições de ensino fazem um trabalho de reorganização dos temas que serão abordados, tornando-os assimiláveis ao público escolar.

Para compreender a história do ensino da disciplina de História da Educação Física, utilizamos como fontes os documentos contidos no Arquivo Permanente do CEFD/Ufes. Nele podem ser localizados documentos que datam da criação do Curso de Emergência em Educação Física, em 1931, até a década de 1980. Para este trabalho, periodizamos e selecionamos os documentos do ano de 1931, por ser o momento em que se inaugurou o Curso de Emergência em Educação Física, até o ano de 1939, momento em que se encerrou a obrigatoriedade de produção das monografias.

Com base nas potencialidades desse arquivo e na possibilidade de encontrarmos fontes para o estudo e aprofundamento dessa área do conhecimento, iniciamos uma busca por documentos da década de 1930, na intenção de compreender o ensino de História da Educação Física, a forma como eram selecionados os conteúdos, quais eram os principais autores, as bibliografias que constavam do programa dessa disciplina.

Entre os documentos localizados podemos encontrar as atas, os boletins diários, as folhas de exercício e de pessoal docente, os dossiês dos alunos, as monografias, os programas de disciplina, as avaliações, os *memoranda* e alguns documentos avulsos. Por meio desses documentos, buscamos compreender o que era ofertado como ensino de História da Educação Física aos alunos do Curso de Educação Física.

Entendemos que, por mais que esses documentos estejam preservados no Arquivo Permanente e se configurem como fontes privilegiadas para a compreensão do que se ensinava, a consulta deve ser atenta e criteriosa, pois os registros nos dão as pistas de como a História da Educação Física foi ensinada. Como diz Bloch (2001, p. 89): “Com tinta qualquer um pode escrever qualquer coisa [...]”. Assim, é dever do

pesquisador fazer a crítica documental para compreender as condições de produção, circulação e guarda dos arquivos.

Ferreira Neto (1999, p. 11) acrescenta: “O sucesso de uma pesquisa histórica, num certo sentido, é determinado pela experiência do pesquisador na ‘montagem do quebra-cabeça’, pelo método e pelas fontes disponíveis”. Ao montarmos esse *quebra-cabeça* com os documentos do Arquivo Permanente, buscamos compreender os processos que envolveram a disciplina História da Educação Física, a organização dos conteúdos, qual ou quais as obras disponíveis para que fosse possível o seu ensino, o que se entendia por história da Educação Física. Dessa forma, por meio da crítica documental, temos a possibilidade de compreender os processos formativos desenvolvidos para os alunos, tendo como referência que, naquele momento, se estava formando o *ethos* profissional de um grupo de profissionais importantes para o desenvolvimento da área.

1.1.1 A instauração do Departamento de Educação Física do Espírito Santo

No ano de 1931, pelo Decreto n.º 1.366, de 26 de junho de 1931⁹, o Interventor Federal Capitão João Punaro Bley instituiu o Departamento de Educação Física do Espírito Santo, que se instalou no Estádio Governador Bley, em Jucutuquara, bairro do município de Vitória-ES. O curso que oferecia foi inicialmente criado como um curso de emergência para a formação de professores de Educação Física.

Em função das reformas educacionais realizadas pelo primeiro ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Luiz da Silva Campos, que atingiram todo o território nacional, por meio do Decreto n.º 19.890, de 18 de abril de 1931, que dispunha sobre o ensino secundário, tornou-se obrigatória para todas as classes desse nível de ensino a prática da Educação Física. A reforma passou a ser conhecida como Reforma Francisco Campos.

Silva explica:

⁹ Em meio aos documentos disponíveis para consulta no Arquivo Permanente do CEFD/Ufes, não foi localizado o Decreto n.º 1.366, de 26 de junho de 1931, porém há registros que fazem menção a esse Decreto.

Para garantir o mesmo ensino em todo o País, o Ministério da Educação e Saúde Pública baixou a Portaria Ministerial nº 70, em 30 de junho de 1931, onde expediu os programas do curso fundamental do ensino secundário, dentre eles o Curso de Educação Física.

No programa, as normas e diretrizes do Centro de Educação Física do Exército deveriam ser rigorosamente seguidas, ou seja, o Método Francês de Ginástica passou a ser, a partir daquele momento, obrigatório em todos os estabelecimentos de ensino secundário. Desse modo, segundo Marinho (198-a), os cursos e escolas que formavam professores especializados em Educação Física adotaram o Método Francês, omitindo o ensino de outros métodos (SILVA, 1996, p.112).

Para atender a esse Decreto, foi criado no Espírito Santo o Departamento de Educação Física. O curso que oferecia tinha como objetivo formar, inicialmente em caráter de emergência, professores de Educação Física. Na década de 1930, foi adotado, como oficial, o Método Francês de Ginástica, a ser difundido no ensino secundário no Brasil (GOELLNER, 1992).

A partir do ano de 1931, passou a ser pré-requisito para ingresso no Curso, segundo Bruschi (2015, p. 38), a apresentação do diploma de normalista. Assim, o Curso de Emergência em Educação Física iria complementar a formação desses professores, tornando-os aptos a ministrar as aulas de Educação Física já nos moldes do Método Francês, disseminando-o nas escolas. Com a criação do Curso de Emergência em Educação Física no Espírito Santo, foi formado o corpo docente, estabelecida a relação das disciplinas a serem ministradas e definido o quadro de funcionários. Assim, começaram a ser produzidos documentos, como planos de ensino, pontos para a avaliação do que era ensinado e seleção dos conteúdos que deveriam ser ministrados pelos professores.

O Curso de Educação Física do Espírito Santo teve, ao longo do seu funcionamento, várias nomenclaturas. Inicialmente foi chamado de Departamento de Educação Física do Espírito Santo, funcionando como Curso de Emergência em Educação Física, em 1931; posteriormente, em 1934, chamou-se Escola de Educação Física do Espírito Santo; em 1939, tornou-se Escola Superior de Educação Física.

Em 1961, após ser federalizada, a Escola foi transferida para o bairro Bento Ferreira, onde permaneceu funcionando até o ano de 1971, quando passou a ser conhecida como Centro de Educação Física e Desportos da Ufes, ganhando um espaço físico no *campus* de Goiabeiras, local em que permanece até a atualidade.

Devido à transferência do Curso para a nova sede, os documentos trazidos ficaram fora de ordem, o que dificultou a localização e a organização de uma série documental. Esse material foi acomodado em diversas caixas e depositado em uma pequena sala, onde havia apenas uma balança, que permanecia o maior tempo fechada; os documentos ficavam armazenados em estantes.

A falta de um ambiente adequado para esses documentos, o mau uso por parte de pessoas que eventualmente os manuseavam, como exemplo, os dossiês de alunos, ocasionaram o desgaste de diversos registros documentais. Outros fatores também contribuíram para a má conservação dos registros, como a ação de traças e insetos. Todos esses fatores ocasionaram a perda irreparável de documentos importantes para se compreender a história e o ensino da História no Curso de Educação Física do Espírito Santo. Assim, a seção passou a ser considerada como Arquivo Morto¹⁰ da Administração do Curso, guardando a memória do que foi a Instituição, suas disciplinas, seus professores e suas propostas de ensino.

Segundo Bruschi (2015), foi no ano de 2010 que a parceria entre o projeto de extensão intitulado *Arquivo Permanente: em busca da memória institucional da Ufes*, de autoria da professora Rosa da Penha Ferreira da Costa, do Departamento de Arquivologia, e o projeto *Memórias da Educação Física e do Esporte no Espírito Santo: organização e tratamento dos arquivos do CEFD/Ufes*, desenvolvido pelo professor Omar Schneider, possibilitou o início do processo de higienização, restauração e reorganização dos documentos do Arquivo Morto, a fim de torná-lo um Arquivo Permanente¹¹ do CEFD/Ufes (BRUSCHI, 2015). Até o momento desta pesquisa, os documentos ainda se encontram submetidos a esse processo.

¹⁰ O termo Arquivo Morto é utilizado para classificar arquivos em desuso, onde não há manuseio dos registros, embora haja a necessidade de preservá-los (ARQUIVO NACIONAL, 2004).

¹¹ Um Arquivo Permanente tem como principal atribuição a preservação e a custódia dos documentos de guarda definitiva em função de seu valor, após ter passado por um processo de recuperação, higienização e organização. Sua principal característica é de ser acessível a todos, porém os documentos só podem ser consultados no local, não havendo mais nenhuma possibilidade de empréstimo (MACHADO; CAMARGO, 2000; ARQUIVO NACIONAL, 2004).

1.2 A CADEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (1931-1939): A MOBILIDADE DOS PROFESSORES

O Curso de Educação Física do Espírito Santo foi criado em 26 de junho de 1931 e funcionou como Curso de Emergência, apenas para a primeira turma. As aulas se iniciaram no dia 24 de agosto de 1931 e, no dia 1.º de dezembro de 1931, encerrou-se o período letivo. Nesta última data, ocorreu a cerimônia solene de diplomação dos alunos do Curso. Na mesma data do início das aulas, foi instalado o Curso Especial de Educação Física¹².

Aos vinte e quatro dias do mês de agosto de mil novecentos e trinta e um, pelas dez horas, foi solenemente instalado o Curso de Educação Física, deste Estado, creado pelo Decreto número 1.366, de 26 de julho de ano corrente, da qual se lavrou a presente ata que vae assinada pelas autoridades e pessoas presentes (ESPÍRITO SANTO, 1931a).

O evento de inauguração do Curso, contou com a presença de várias autoridades, entre as quais vale destacar o Exmo. Senhor Interventor Federal, Capitão João Punaro Bley, o Secretário do Interior, João Manuel de Carvalho, o Diretor do Departamento de Educação Física do Espírito Santo, Tenente Carlos Marciano de Medeiros. A presença dessas autoridades demonstra a importância atribuída ao Curso de Educação Física na formação de profissionais para difundirem o Método Francês de Ginástica, com vistas a colaborar no desenvolvimento do projeto do novo homem brasileiro.

O ensino da Educação Física nas escolas era também visto como uma solução, pois seria capaz de corrigir defeitos físicos das crianças, preveni-las das moléstias, além de provocar nelas, por meio dos exercícios ginásticos, o sentimento de pertencimento à Nação.

O Curso de Emergência em Educação Física teve seis alunas: Rita Tossi Quintais, Hilda Pessoa Prado, Alcira Netto, Maria Duverlina Calmon, Juracy Machado e Lydia Besouchet. Contou também com um sargento da Polícia Militar, chamado

¹² O Curso de Educação Física dividia-se em dois cursos: o de professores de Educação Física e o de monitores. O Curso Especial em Educação Física refere-se aos professores que estavam habilitando-se para ministrar aulas de Educação Física nos estabelecimentos de ensino. Já o Curso de Monitores objetivava preparar os militares e guardas-civis para auxiliarem nas corporações.

Alcides Vasconcelos, no Curso de Monitor, que também se encerrou no dia 1.º de dezembro de 1931.

No dia 1º de dezembro de 1931, presentes o exmo. Sr. Interventor Federal, secretários de Estado, Bispo Diocesano, autoridades federais, estaduais e municipais, foi encerrado o Curso de Emergência, instalado em 24 de agosto deste ano. [...] os diplomas foram conferidos sem nos mesmos constar a classificação e grau de aprovação, por não ter sido os alunos submetidos a exames, sendo os diplomas conferidos tendo em vista o aproveitamento obtido pelos mesmos durante o Curso. No mesmo dia foi instalado o primeiro curso regular de Educação Física, com a presença das mesmas autoridades, tendo o Diretor do Departamento de Educação Física, Ten. Cel. Carlos M. Medeiros, dado como iniciado o primeiro Curso Especial de Educação Física (ESPÍRITO SANTO, 1931b).

Compreender a composição do corpo docente do Curso permite-nos mover algumas peças, que nos ajudam na montagem de um quebra-cabeça, uma vez que, por meio desses agentes, podemos entender o lugar ocupado por essa Instituição, criando condições de observar como eram organizados os programas de disciplinas para cada cadeira de ensino e, em especial, para a cadeira de História da Educação Física.

Participaram da organização do Curso de Educação Física, em 1931, alguns militares, como o Tenente Coronel Carlos Marciano de Medeiros, que assumiu a função administrativa de Diretor do Departamento de Educação Física do Espírito Santo, nomeado por meio do Decreto n.º 1.376 da Interventoria Federal do Estado, e ocupou a cadeira de História da Educação Física; o Segundo-Tenente Heitor Rossi Bélache, nomeado Secretário do Departamento de Educação Física pelo Decreto n.º 1.381 da Interventoria Federal do Estado; o Primeiro Tenente Wolmar Carneiro da Cunha, que assumiu a cadeira de Pedagogia (ESPÍRITO SANTO, 1961).

De acordo com Bruschi (2015, p. 98), a respeito da

[...] presença dos militares formados no Centro Militar de Educação Física na organização do Curso de Educação Física, ocupando os cargos de decisão, como diretores e secretários, ou como professores, organizando o currículo e as práticas cotidianas que deveriam ser realizadas, denota uma posição de poder que determinado grupo, a partir da década de 1930, assume, decidindo e regularizando a expansão da Educação Física nas escolas brasileiras. Esse grupo se ancorava nos ideais do Centro Militar de Educação Física e possuía como matriz a Escola de Joinville Le Pont. Apesar da presença dos militares no curso, isso não significa a sua militarização, pois o conteúdo de ensino proposto para a formação de professores não possuía essa intencionalidade (BRUSCHI, 2015, p. 98).

Ferreira Neto (1999) reconhece que a pedagogia e a prática do Regulamento n.º 7¹³, adotadas no Exército, eram diferentes das difundidas no meio civil, pois o

[...] projeto pedagógico para a Educação Física, construído sob a chancela dos militares, mas que não lhes pertence exclusivamente, pois vai além do que a doutrina do Exército possibilita à tropa, entretanto, é o que se vai materializar na sociedade civil (FERREIRA NETO, 1999, p. 58).

No decorrer da primeira década de funcionamento do Curso, outros militares formados pela Escola de Educação Física do Exército também assumiram funções administrativas e de docentes na Instituição, como o Tenente Horácio Cândido Gonçalves e o Coronel Carlos M. Medeiros.

É possível que o primeiro documento produzido no Curso de Emergência do Espírito Santo tenha sido uma ata datada de 22 de agosto de 1931. Nessa ata, podemos localizar orientações sobre o que seriam as disciplinas ofertadas para os futuros professores, bem como os pontos a serem abordados nas avaliações das disciplinas. As disciplinas que compunham o currículo para o Curso de Emergência em Educação Física, como estavam especificadas nos documentos, eram Anatomia, Fisiologia, Higiene, História da Educação Física, Esportes Individuais e Coletivos, Antropologia e Biometria e Pedagogia (estudo do Método Francês).

O Curso de Educação Física teve, entre os anos de 1931 e 1933, um período letivo com a duração de três meses. Essa diretiva previa que

[...] os programas [deviam ser] reduzidos ao indispensável; quando esta redução não se puder fazer em vista da importância dos assuntos a tratar, é necessário que se os resuma no que de mais perto, interesse e seja útil ao fim principal (educação física elementar) a que se destinam as alunas (ESPÍRITO SANTO, 1932a, p. 1).

A diretiva ainda previa, em seu segundo parágrafo: “Os programas não devem dar apenas os títulos dos assuntos gerais que vão ser tratados, mas sim um resumo dos mesmos” (ESPÍRITO SANTO, 1932a, p. 1). O curto prazo para o ensino e a prática foi um dos questionamentos registrados no relatório do Diretor Técnico, o Primeiro-Tenente Horácio Gonçalves:

¹³ O Método Francês foi um sistema ginástico desenvolvido na França, na Escola Militar de Joinville Le Pont, e adotado oficialmente nas escolas brasileiras a partir de 1931. Tinha como base o *Réglement Général d'Education Physique*, traduzido no Brasil sob o título de Regulamento n.º 7 de Educação Física.

O plano de ensino constante das instruções é irrealizável num período de três meses, e a prova disto é que o plano estabelecido pelas diretivas, mais exequível e adaptável à nossa realidade, só foi cumprido por muito esforço dos professores e com uma quase exagerada dosagem de trabalho mental (GONÇALVES, 1933. Grifo do autor).

No ano seguinte, pôde ser notado um acréscimo na duração do Curso, que passou a ser de sete meses, possivelmente por terem sido compreendidas as dificuldades sinalizadas no relatório do ano de 1933. Outra mudança importante também ocorreu com a substituição do nome de Curso de Emergência em Educação Física, com a criação da Escola de Educação Física do Espírito Santo. Em 1935 o Curso teve duração de oito meses.

O ensino da História da Educação Física fez parte do currículo da Escola de Educação Física do Espírito Santo desde a primeira turma, quando ainda era chamada de Curso de Emergência em Educação Física, e continuou até o momento em que o Curso foi retomado, em 1939, com a denominação de Escola Superior de Educação Física. O ensino dessa disciplina era obrigatório para os alunos, pois, naquele período, o entendimento era de que, por meio dessa disciplina, eles poderiam compreender, dentro da História Geral, as marcas de origem da Educação Física.

Devem ser levadas em consideração as condições em que o Curso foi fundado, as dificuldades de obtenção de materiais bibliográficos no período para o ensino das disciplinas do currículo.

Por ocasião do encerramento das turmas, a Secretaria do Departamento de Educação Física publicava um relatório no qual sinalizava apenas os pontos considerados relevantes sobre como se realizou o Curso em cada período letivo. Por meio desse documento, pudemos perceber a precariedade em que se encontrava:

A Secretaria lutou com toda sorte de falta de materiais de expediente e pessoal, sendo necessário, quando definitivamente instalado o D.E.P., reforma completa no pouco que existe, para boa marcha e mais eficiência dos trabalhos da Secretaria. [...] aproveitando o ensejo, peço a V.S. sua atenção para o que se refere ao material da Secretaria, pois pouco ou nada temos, a não ser uma machina de escrever muito usada e o mais quase tudo cedido pelo Director da Escola Normal, em cujo prédio funciona actualmente o D.E.P. e o Curso Especial de Educação Physica (ESPÍRITO SANTO, 1932b).

Aparentemente, as dificuldades administrativas e o fato de haver poucos professores faziam com que os docentes assumissem mais de uma disciplina, o que,

segundo os relatos, não os impediu de cumprir o objetivo de formar professores de Educação Física. Na formatura da turma do ano de 1931/32, por exemplo, foram diplomados 26 alunos, sendo 23 mulheres e três homens. Porém, os problemas relativos à precariedade de funcionamento do Curso continuavam a ser relatados.

O diretor técnico, Tenente Horácio Gonçalves, apontou em um relatório as dificuldades enfrentadas no ano de 1933, com relação à carência de materiais, embora tivessem ocorrido algumas melhoras, como o aumento no quadro de professores e funcionários, quando comparado com o da época em que o Curso foi criado.

O curso propriamente não dispõe de nenhum material de ensino. A sua Biblioteca, muitíssimo pobre, precisa ser dotada de livros indispensáveis à consulta, ilustração dos alunos e dos professores. As coleções de mapas anatômicos e de higiene, emprestadas pela Escola Normal, estão incompletas. O manequim e o esqueleto também vieram emprestados da referida Escola. Um aparelho pra projeções, um microscópio e algumas preparações, são necessários a um ensino proveitoso. Foi adquirido mais algum material de campo indispensável ao exame pratico e espera-se ser adquirido o material medico constante da concorrência aberta e já encaminhada á Secretaria do Interior (GONÇALVES, 1933, p. 3).

O descontentamento com a falta de materiais era evidenciado nas atas, e isso era também percebido nos relatórios. O que estava escrito não tinha a finalidade de informar apenas como funcionava o período letivo, mas também como decorriam as ações táticas e políticas utilizadas, com a finalidade de obter melhorias para a Instituição.

No desenvolvimento da pesquisa, fizemos uma categorização das diferentes fontes utilizadas e selecionamos os registros que se relacionam com a cadeira de História da Educação Física, a fim de compreender como foram organizados os conteúdos didáticos dessa disciplina.

Na revisão dos documentos do Arquivo Permanente do CEFD/Ufes, fizemos uma análise dos programas da disciplina História da Educação Física ali contidos, com o objetivo de comparar os conteúdos desenvolvidos ao longo do tempo. Foi possível localizar informações que se encontravam dispersas, mas que faziam parte de um fundo documental, tratando de conteúdos que variavam no ordenamento de

sua série. Buscamos identificar nos programas os conteúdos que eram comuns e os que eram diferentes, a fim de apontar os assuntos abordados, os temas centrais estudados e os autores utilizados como referência para o ensino dessa disciplina.

Foram localizados 23 programas da disciplina de História da Educação Física desenvolvidos entre os anos 1931-1939. Observamos que muitos documentos do Arquivo eram repetidos, principalmente os que tratavam dos programas da disciplina, o que pode sinalizar que estes eram distribuídos aos alunos a fim de dar conhecimento dos conteúdos que seriam abordados nas aulas, no decorrer do Curso. Isso, contudo, não ocorreu apenas com História da Educação Física; pôde-se perceber, durante a catalogação, que os programas de outras disciplinas do currículo também se repetiam.

No Arquivo, foram localizados 37 documentos referentes à disciplina de História da Educação Física na década de 1930, como a relação dos alunos, as provas, as indicações de leituras, os quadros de notas, os quadros de disciplinas semanais e a listagem dos conteúdos ministrados aos alunos do Curso de Educação Física. Embora tenhamos encontrado esse volume de documentos, tivemos dificuldades em encontrar outros referentes ao período de 1931-1939, pois a inexistência de um ambiente adequado para sua conservação fez com que muitos deles se deteriorassem ao longo dos anos, devido à ação da umidade, da poeira e de pragas. Consideramos também a possibilidade de terem sido descartados.

Os documentos foram criados em razão da instauração do Curso de Educação Física e visavam estabelecer normas, regimentos, um padrão para o Curso, bem como definir sua organização desde suas bases legais, passando pelo corpo docente e administrativo e pelo de funcionários e alunos. Dessa forma, o sentido de se produzirem documentos referentes ao Curso e às disciplinas, trouxe, de certo modo, as marcas do que se poderia deixar para a posteridade. Temos a clareza de que houve disputas políticas e simbólicas e de que os documentos preservados no Arquivo Permanente são fragmentos do que ocorreu dentro da Instituição. Eles são oficiais e descrevem toda uma realidade complexa, que se considerou digna de se deixar para a posteridade.

Ao analisarmos os programas da disciplina de História da Educação Física na forma como estão organizados os conteúdos, pudemos perceber a existência de duas

obras extremamente importantes que lhes serviram de suporte. São elas: o *Histórico da Educação Física*, de autoria do Tenente do Exército Carlos Marciano de Medeiros, que foi diretor do Departamento de Educação Física no ano de 1931, e o livro *Jogos Olímpicos de ontem, de hoje e de amanhã*, obra escrita por Américo R. Netto no ano de 1937, que, segundo Tavares e outros (2006, p. 1), foi “[...] provavelmente o primeiro livro sobre Estudos Olímpicos publicado no Brasil”.

Enquanto a primeira aborda a História da Educação Física de forma mais geral, e seu desenvolvimento na Europa, passando pelos precursores, bem como os métodos ginásticos, a segunda busca apresentar um panorama sobre sua relação com os Jogos Olímpicos. Desse modo, constituíram-se como matriz para se selecionar e harmonizar o lugar da Educação Física no desenvolvimento dos estados nacionais, na História do Brasil e nos sistemas de ensino.

Ao estudarmos os programas de História da Educação Física, observamos que essa disciplina visava proporcionar aos futuros professores uma capacitação ampla, que se dava pelo conhecimento, de forma geral, dos principais períodos da história das civilizações e dos métodos ginásticos considerados por elas como os mais relevantes. Possivelmente, essas marcas vieram da Escola de Educação Física do Exército, uma vez que os professores pioneiros do Curso de Educação Física no Espírito Santo eram oriundos dessa Escola ou tiveram sua formação nessa Instituição, e do livro produzido no Centro Militar de Educação Física, cuja ideia de publicação, segundo os autores, “[...] constituiu a matéria dada no ano de 1930 aos alunos do CMEF e foi distribuído em fascículos [...]” (BONORINO; MOLINA; MEDEIROS, 1931).

Conforme os registros, o objetivo da disciplina em questão era estudar “[...] a história da educação física e desportiva nos períodos: pré-histórico, antigo, grego, romano, medieval, da renascença e contemporâneo, com especialidade nas partes aplicáveis ao Brasil [...]” (BRASIL, 1933, p. 2).

Quando analisamos os programas da disciplina de História da Educação Física presentes nos documentos, percebemos que os conteúdos apontados no sumário do livro *Histórico da Educação Física* eram similares às temáticas trabalhadas no Curso de Educação Física do Espírito Santo.

Aprofundando-nos no estudo do programa de História da Educação Física desenvolvido no ano de 1931, percebemos que tinha como ideia central nortear os alunos acerca dos principais conteúdos a serem ministrados no decorrer das aulas assim como antecipar os assuntos que iriam compor os exames mensais e finais do Curso, também chamados de sabatinas. Desse modo, o programa proposto para a primeira turma continha os seguintes pontos:

- 1º - Generalidades – Divisão – Primeira parte do 1º período
- 2º - Egípcios, Hindús e Chineses
- 3º - Gregos – Período Clássico
- 4º - Romanos
- 5º - Período Medieval – Idade Média
- 6º - Período da Renascença – precursores do século XIV
- 7º - Séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX.
- 8º - Método Sueco
- 9º - Crítica de Demyen ao Método Sueco
- 10º - Escola Americana
- 11º - Escola Francesa de Demyen
- 12º - Período Contemporâneo – Século XX
- 13 - Histórico da Educação Física em França (ESPÍRITO SANTO, 1931d).

Os conteúdos da disciplina relacionavam-se diretamente com os da obra *Histórico da Educação Física*. A forma como o programa da disciplina se apresentava era igual à apresentada no sumário do livro dos Tenentes.

Nos boletins diários do Curso de Educação Física do Espírito Santo consta que exemplares da obra citada eram distribuídos gratuitamente para os alunos.

Nesses registros, localizamos a seguinte informação:

Foram distribuídos entre os alunos deste curso trinta exemplares do livro “História [sic] da Educação Física” dos 1^{os} Tenentes do Exército, Laurentino Lopes Bonorino, Antonio Mendonça Molina e Carlos M. Medeiros. Os exemplares distribuídos chegaram a este Curso por intermédio do Departamento de Educação Física, vindos da Secretaria da Instrução (ESPÍRITO SANTO, 1932a, p. 32).

Constatamos que o livro *Histórico da Educação Física* também foi disponibilizado para as turmas dos anos de 1932/33, 1933/34, 1934, 1935, 1939. Ao todo, o Curso de Educação Física do Espírito Santo, entre os anos de 1931-1939, teve sete períodos letivos, diplomando um total de 149 alunos, dos quais 26 eram homens e 123 mulheres (ESPÍRITO SANTO, 1941).

Por meio dos boletins diários, disponíveis no Arquivo Permanente, nos quais está registrado o número de livros disponibilizados aos alunos dessas turmas, foi possível contabilizar 88 livros. Acreditamos, entretanto, que foi distribuído um número ainda maior, atingindo possivelmente a cota de um por aluno, uma vez que, segundo consta nos boletins, a quantidade de livros entregues correspondeu ao número de alunos do período letivo. O fato de termos contabilizado menos livros que a quantidade de alunos diplomados justifica-se por não constarem do Arquivo Permanente todos os boletins diários referentes ao total das turmas. Provavelmente esse material existiu, pois era prática da Escola de Educação Física realizar um relatório diário das atividades.

O livro *Histórico da Educação Física* era a principal fonte de estudos disponível para os alunos e foi produzido e sistematizado para auxílio do professor no ensino dos conteúdos da disciplina História da Educação Física. A obra foi escrita pelos 1^{os} Tenentes do Exército Laurentino Lopes Bonorino, Antonio de Mendonça Molina e Carlos Marciano de Medeiros.

Sobre ela afirmam os Tenentes:

A ideia da publicação, que constituiu a matéria dada no ano de 1930 aos alunos do C.M.E.F. e foi distribuído em fascículos, [...] porvidouros do Centro Militar de Educação Física e para aqueles que, nos estabelecimentos congêneres, se dedicarem ao assunto, facilitando-lhes o estudo da Cadeira de História, [...] por não se encontrarem as nossas bibliotecas aparelhadas para servirem de fonte de informações sobre a matéria em apreço (BONORINO; MOLINA; MEDEIROS, 1931, p. 2).

Dentre os autores, ressaltamos a figura do Tenente Coronel Carlos Marciano de Medeiros, que em 27 de junho de 1931 foi nomeado Diretor do Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física do Espírito Santo, pelo Decreto n.º 1.376 da Interventoria Federal do Estado, que criou o Departamento. Medeiros também ministrava a disciplina de História da Educação Física, além de ser titular das cadeiras de Pedagogia e de Biometria (ESPÍRITO SANTO, 1931d, p. 1).

No ano de 1932, Medeiros deixou de ministrar as aulas de História da Educação Física, atuando somente como Diretor do Departamento de Educação Física. Assim, para o ano letivo seguinte, foi nomeado como professor dessa disciplina Heitor Rossi Bélache (ESPÍRITO SANTO, 1933, p. 32).

Observando os programas das disciplinas oferecidas em 1933, constatamos que a cadeira de História da Educação Física foi dividida em duas unidades. A primeira abrangia um estudo da evolução da Educação Física através da história das civilizações, desde o homem primitivo até os dias atuais. A segunda abordava os diferentes métodos de Educação Física em suas linhas gerais.

O processo de ensino se dava pela mediação dos conhecimentos do professor e da utilização do livro *Histórico da Educação Física*. Os exemplares dessa obra eram distribuídos aos alunos nos primeiros dias letivos. Dessa maneira, todos podiam acompanhar as aulas orientados por esse material didático, seguindo religiosamente a ordem de disposição dos conteúdos. Ao professor cabia ministrar as aulas, guiado pelo modelo e pela ordem dos assuntos contidos na obra dos Tenentes, uma vez que não havia outro material didático disponível para essa disciplina especificamente. As demais disciplinas por vezes utilizavam polígrafos¹⁴ como material de ensino, o que não acontecia com a História da Educação Física, conclusão a que chegamos por não termos encontrado registros do uso de outro material didático, a não ser a obra dos Tenentes.

Em função da extensão dos conteúdos, o ensino da disciplina era bastante complexo. A amplitude temática não permitia tratar das especificidades da área, de modo que a disciplina tinha como objetivo principal oferecer uma noção geral sobre a história da Educação Física e sobre a evolução do saber a respeito do corpo e das práticas corporais na história das civilizações. Possivelmente, porém, não havia tempo hábil para que se discutissem os assuntos detalhadamente em sala de aula, visto que os extensos conteúdos deveriam ser aprendidos num curto período, segundo se constata na leitura de um plano de ensino do Curso de Educação Física:

Os programas devem consignar os assuntos a serem tratados durante o Curso de modo que se possa formar uma ideia do que será ensinado de matérias tão vastas, e num curto preambulo serão expostas as relações da matéria em questão com a Educação Física (PLANO de ensino..., 1933).

¹⁴ O termo polígrafos, nesse contexto, se refere a um conjunto de materiais didáticos semelhantes a apostilas, utilizado atualmente no estudo das disciplinas.

Segundo o cronograma estabelecido no programa da disciplina, esperava-se dos professores que os conteúdos fossem ministrados no decorrer de quinze dias letivos, com aulas de 1 hora de duração.

Ferreira Neto (1995, p. 99) expõe:

O processo de ensino se dava através do agente que era o instrutor, da forma de transmissão que dá à aula e do objeto do ensino que era a classe. [...]. Como era transmitida tão ampla seleção de conteúdos? Pela adoção de livros didáticos, [...] os conteúdos selecionados correspondiam exatamente àqueles contidos no livro, dada a dificuldade de material bibliográfico à época. O instrutor, dotado de uma concepção pedagógica, de uma concepção histórica e do livro didático, cumpria sua função de expor a matéria em voz alta e clara. À classe cabia “passar” um sem números de vezes com o objetivo de memorizá-la, uma vez que as provas eram realizadas sempre ao final de cada mês.

O autor considera que cabia aos alunos memorizar a ampla relação dos conteúdos contidos no livro *Histórico da Educação Física*. Como pudemos perceber pelos assuntos que compunham o programa da disciplina de História da Educação Física, esses conteúdos deveriam ser aprendidos pelos futuros professores para que eles tivessem uma noção do processo histórico e de como o sentido do movimento humano, o esforço físico, as lutas, a guerra, entre outros aspectos, foram desenvolvidos e interpretados pelas diversas civilizações.

Nos anos letivos de 1933/1934, a seleção dos conteúdos ministrados e dos materiais didáticos utilizados seguia, ainda, as mesmas orientações adotadas desde a criação do Curso de Emergência em Educação Física. Uma comparação entre os programas da primeira turma, de 1931, e os das turmas de 1932 a 1934 permitiu-nos constatar que não ocorreu nenhuma alteração nos conteúdos selecionados.

No Arquivo Permanente, encontramos as avaliações, as questões propostas nas sabatinas e os *memoranda* das provas teóricas que eram aplicadas aos alunos. Abaixo transcrevemos uma sabatina em História da Educação Física realizada no ano de 1934, com as perguntas e a chave de respostas assinadas pelo professor Heitor Rossi Bélache.

4ª Sabatina de Resumo Histórico da Ed. Física - 6/3/34.

1ª Questão - Dizer em que ciência se apoia Ling para conceber o seu método e como o fez.

Resp. - Unicamente na anatomia, ciência da época, e fê-lo sobre base analítica deixando de lado a importante parte funcional do organismo.

2ª Questão - Quem lançou a pedra fundamental da Escola Francesa?

Resp. - Demeny.

3ª Questão - Qual a maior falha do Método Culturista, ou ginástica culturista?

Resp. - Buscar a saúde pela força e a força pela saúde.

4ª Questão - Por que Hebert chamou de NATURAL o seu sistema de ginástica?

Resp. - Por considerar que ela representa uma volta à natureza, e retorno àqueles exercícios que faziam do povo selvagem os mais belos tipos de perfeição física.

5ª Questão - Quais os principais pontos focalizados por Demeny em sua crítica ao Método Sueco?

a) - as posições fundamentais; b) abrir para frente; c) - as extensões; d) as energias mecânicas; e) erros capitais nas leis naturais; f) ignorância das funções nervosas; g) abusos dos esforços estáticos; h) desprezo do prazer e da utilidade; i) ignorância da influência do efeito geral sobre o efeito local; j) ignorância dos defeitos educativos na ginástica (ESPÍRITO SANTO, 1934).

Os registros referentes às aulas de História da Educação Física ministradas no decorrer do Curso atestam que havia pelo menos três avaliações, sempre no final do mês. As questões das provas apresentavam uma relação com os conteúdos apontados nos programas das disciplinas bem como contidos no livro dos Tenentes. Esses conteúdos eram estudados pelos alunos e cobrados por meio das avaliações.

No ano de 1935, uma professora assumiu a cadeira de História da Educação Física, a ex-aluna do Curso de Educação Física Julieta Greppe¹⁵, e permaneceu até o final do mesmo ano como docente dessa disciplina (ESPÍRITO SANTO, 1935, p. 35).

Constatamos, por meio da análise de documentos e da comparação entre eles, que havia programas de disciplinas que apresentavam conteúdos comuns. Esses documentos são mantidos no Arquivo Permanente do CEFD/Ufes, onde também se encontra o quadro referente ao programa da disciplina de História da Educação Física. Constatamos também que os conteúdos da disciplina bem como os objetivos a ser alcançados, que visavam proporcionar aos alunos uma noção geral acerca da história

¹⁵ A professora Julieta Greppe formou-se na Escola Normal no ano de 1931 e diplomou-se no Curso de Educação Física no ano de 1933. Também assumiu importantes cargos administrativos, atuando, inclusive, como secretária.

das civilizações e estudos dos métodos da Educação Física, continuaram os mesmos com o passar dos anos letivos.

Podemos observar a seguir o documento de Pessoal Administrativo, em que se registra o encerramento dos trabalhos da 6ª. Turma, que é elogiada o serviço desenvolvido pela professora Julieta Greppe, bem como o cumprimento dos programas que haviam sido estabelecidos.

Em virtude do encerramento dos trabalhos do 6º período lectivo, [a professora Greppe foi] dispensada da seguinte cadeira de História da Educação Physica. Em Portaria nº 35.00, do Sr. Inspector Chefe, **louvada pela competência por que se houve pelo ombro inteligente com que seguiu a disciplina a seu cargo, pelo fiel e cabal cumprimento do programa pré-estabelecido**, pela assignalada pontualidade em todos os seus deveres ferialmente, pelo gosto e entusiasmo com que se dedicou á difficil arte de ensinar e pela maneira criteriosa com que distribuiu justiça nas provas parciais e exames de fim de curso do período lectivo ora encerrado (ESPÍRITO SANTO, 1935, p. 35, grifos nossos).

Embora já houvessem passado aproximadamente cinco anos da criação do Curso de Educação Física, no que se refere à disciplina de História da Educação Física, não houve mudanças significativas em seus conteúdos. Basicamente, seguia-se apenas o livro *Histórico da Educação Física*, compreendido como um livro didático. A citação indica que os programas de disciplinas eram preestabelecidos possivelmente pelos próprios professores do Curso, que se reuniam antes do início de cada ano letivo, organizando-se para estabelecer os conteúdos que seriam contemplados em cada disciplina. Na prática, não havia muitas mudanças nos conteúdos das aulas de um ano letivo para o outro, salvo quando um novo professor assumia a cadeira, dando a sua contribuição com sua maneira própria de trabalhar.

No ano de 1936, pela Lei n.º 98, de 24 de setembro desse mesmo ano, a então Escola de Educação Física do Espírito Santo “[...] passou a chamar-se Escola Superior de Educação Física, nela funcionando os cursos regulares previstos na Lei referida, [...]” (ESPÍRITO SANTO, 1936, p. 3).

No Arquivo Permanente, não foi possível localizar os registros das aulas, os programas de disciplinas, a indicação de leituras, os quadros semanais de aulas ou quaisquer outros que pudessem indicar o funcionamento de algum período letivo no ano de 1936. Isso se deve ao fato de a Lei n.º 98/36 ter transformado a Escola de Educação Física em Escola Superior de Educação Física, o que ocasionou mudanças

na Inspetoria e na Diretoria da Escola. Acreditamos que, por depender de regulamentação específica, o Curso teve que ser suspenso.

Segundo Silva (1996), essa situação burocrática pode ser assim explicada:

Como a Lei nº 98 não define as finalidades da Escola Superior de Educação Física, mantém-se o previsto na legislação imediatamente anterior, o Decreto nº 5.207, de 24 de agosto de 1934. Ou seja, "... habilitar professores, instructores, monitores e médicos a ministrarem e orientarem a educação physica por methodo scientifico e racional" (ESPÍRITO SANTO, 1934).

Se observarmos o programa do Curso, mesmo à ampliação da cultura geral fica restrita a inclusão do Coro Orfeônico, não representando, desse modo, nenhuma orientação a caminho do ensino superior.

Com a instituição dessa Lei nº 98/36, que prevê, no seu artigo 13º, a necessidade de regulamentação, os cursos da Escola não podiam funcionar. Desse modo, não ocorreram cursos entre 1936 e 1939, quando, pelo Decreto nº 10.330, a Inspetoria e a Escola de Educação Física são regulamentadas (SILVA, 1996, p.155-156, grifos nossos).

A situação do Curso Superior de Educação Física somente pôde ser normalizada após o Decreto n.º 1.380, de junho de 1939. O Decreto estendeu aos alunos do Curso formados desde sua criação em 1931 até 1936, momento em que foi impedido de funcionar, as mesmas regalias de todos os licenciados em Educação Física e dos médicos especializados em Educação Física e Desporto:

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artº 180 da Constituição, decreta:

Artº 1º - Os alunos diplomados pelo Curso de Emergência de Educação Física, que o Ministério da Educação manteve, no Distrito Federal, em entendimento com o Ministério da Guerra, na Escola de Educação Física do Exército, gosarão das mesmas regalias dos Licenciados em educação física ou dos médicos especializados em educação física e desportos, de que trata o artº 32 do Decreto nº 1.212, de abril de 1939 (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1939).

Em decorrência do Decreto n.º 1.380/39, sancionado pelo Presidente da República, o Curso de Educação Física foi regulamentado e pôde, assim, retomar as suas atividades. Dessa forma, posteriormente a essa época, foi possível localizar documentos referentes ao Curso datados do final de 1939 e início de 1940.

Nos documentos localizados, observamos que os programas da disciplina História da Educação Física, oferecida em 1940, apresentaram modificações na seleção dos conteúdos e acréscimo de material bibliográfico, com a reformulação do que seria abordado nesse novo ano letivo. Enquanto, no período de 1931 a 1935, os

assuntos estudados pelos futuros professores de Educação Física se fundamentavam unicamente no livro *Histórico da Educação Física*, após a paralisação do Curso, em 1936, e sua regulamentação, em 1939, pelo Decreto n.º 10.330, outros livros, revistas e anais de congressos passaram a ser indicados. A partir desse momento, o ensino de História da Educação Física ampliou-se: os conteúdos da disciplina fizeram-se mais abrangentes, introduzindo-se novos assuntos que buscavam tornar os alunos mais conscientes da história da Educação Física.

Vejamos, a seguir, o esquema de uma proposta de programa para a disciplina de História da Educação Física no ano de 1940.

História da Educação Física

A – Fim a atingir:

dar noção das origens do trabalho físico e de que forma se operou sua metodização e regulamentação;
 estudar a evolução natural dos métodos e processos de trabalho físico, até o momento atual;
 dar conhecimento dos vários métodos de Educação Física em uso no mundo moderno;
 preparar, pelo conhecimento da evolução por que têm passado os métodos, o espírito dos futuros técnicos em Educação Física, a fim de mais facilmente admitirem a evolução provável.

B – Relação pormenorizada de assuntos:

N.º da sessão	Assuntos a ministrar	Duração
1	Apresentação da cadeira – Importância do estudo da História e objetivos do Curso; definição de História, Educação Física e a Pré-História.	1 hora
2	Educação Física na Antiguidade Oriental – hindus, chineses, egípcios.	1''
3	Antiguidade Clássica – Educação Física na Grécia	1''
4	Causas do esplendor e da decadência da Educação Física na Grécia – Jogos olímpicos antigos e sua correlação com os jogos modernos.	1''
5	Antiguidade Clássica – Educação Física em Roma	1''
6	Educação Física na Idade Média	1''
7	Educação Física na Renascença	1''
8	Educação Física nos tempos modernos – Início da metodização	1''

9	Método Sueco antigo e moderno – Método Ling	1''
10	Métodos de Amóros e Hebert.	1''
11	Método de Demeny – Culturista – Sistemas Escandinavos (Nils Bukd).	1''
12	Método de Sokols e Calistênico.	1''
13	Moderno Método Alemão.	1''
14	Educação Física na América e no Brasil	1''
15	Organsação dos hogos Olímpicos Modernos [sic]	1''
Total.....		15 h''

C – Meios

- a) Documentação: Fichas anexas ao presente programa – *História da Educação Física*, Cap. Molina – *Jogos olímpicos de ontem e de hoje*, de Américo Neto – Anais do VII Congresso Brasileiro de Educação – Enciclopédia dos Esportes – Educação Física (Demeny) – Revista de Hebertiste
- b) Pessoal: Instrutor - 1.º Ten. Álvaro Lúcio de Arêas
- c) Material: o da E.E.F.E.
- d) Local: Sala de Conferências da E.E.F.E.
- e) Tempo: Os assuntos serão esgotados em 15 sessões de 1 hora.

D – Fichas: Já entregues.

(a) Antônio Pires de Castro Filho
Cap. Sub-Diretor do Ensino

Além do acréscimo de conteúdos no programa de História da Educação Física, também identificamos a inserção de um novo material didático, o livro *Jogos olympicos de hontem, de hoje e de amanhã*, obra escrita por Américo R. Netto, publicada no ano de 1937. Assim, ampliou-se o conteúdo da disciplina, que passou a compreender também a organização dos Jogos Olímpicos como parte do legado da Educação Física, conhecimento que também fazia parte dos conteúdos que compunham os temas estudados.

Melo (1997), em seu estudo intitulado *Por que devemos estudar a História da Educação Física e do Esporte nos cursos de graduação?*, analisa o desenvolvimento dessa disciplina na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da UFRJ, criada em 1939. Para o autor, os *Conteúdos Clássicos* são os conteúdos da História Geral, aqueles que resistem ao tempo. Esses conteúdos buscam apontar indícios sobre a constituição de uma educação do corpo nas diversas civilizações e sobre como essa educação passou a ser entendida como Educação Física.

Segundo Ferreira Neto (1995, p. 100), os *Conteúdos Clássicos* ensinados na disciplina de História da Educação Física, no Curso de Educação Física do Espírito

Santo, abordavam principalmente a “[...] atividade física na Antiguidade Clássica, as atividades corporais no mundo greco-romano, as atividades corporais em Esparta e Atenas, as atividades corporais em Roma”.

Os conteúdos ministrados na ENEFD eram similares aos que foram apresentados como objeto de ensino no Curso de Educação Física do Espírito Santo, possivelmente pelo fato de o livro dos tenentes ter-se tornado uma importante fonte para o ensino de História da Educação Física.

Essa foi uma obra que teve grande circulação no Espírito Santo e em outras regiões do País e tornou-se referência para o ensino da disciplina, em função da sua grande circulação e da escassez de material bibliográfico sobre a temática.

De acordo com Melo (1997), os Cursos de Educação Física criados após a década de 1930 tinham seus currículos estruturados para que fossem ao mesmo tempo práticos e teóricos. Para o autor, a Educação Física, nesse contexto, deveria proporcionar

[...] condições, por meio de uma preparação teórica aprofundada, para que o aluno possa recriar constantemente sua atuação, a partir da compreensão da realidade que o cerca, dos valores do jogo, das especificidades da atuação e das possibilidades de que pode dispor para alcance de seus objetivos. A graduação estaria preocupada em preparar o aluno para pensar/repensar sua atuação, entendendo que há a necessidade de uma compreensão teórica por trás da atuação, que nunca é só prática, mas indissociavelmente teórico-prática (MELO, 1997, p. 740).

A análise dos programas da disciplina de História da Educação Física possibilitou o resgate do desenvolvimento das diferentes composições, das transformações dos conteúdos e das histórias que compunham a história do homem no tempo. Da mesma forma, ajudou-nos a entender os caminhos percorridos pelos primeiros Cursos de Educação Física civis até a consolidação de um currículo que, mesmo pouco atualizado, veio atender as necessidades de formação dos professores que atuariam no campo do que se entendia por Educação Física no Brasil.

1.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em virtude da carência de material didático e de instrumentos de trabalho bem como das condições de infraestrutura, concluímos que os professores e o inspetor do Curso de Educação Física, ao elaborarem os relatórios no final de cada ano, utilizavam de certas táticas como manobra política: descreviam as dificuldades enfrentadas no decorrer do período letivo, buscando melhorias para o Curso. Essas táticas, ao que parece, surtiavam efeito. Ao compararmos o relatório de um ano com o de anos subsequentes, percebemos que algumas dessas demandas foram atendidas.

Por meio da análise dos documentos, foi possível constatar que o estudo da História da Educação Física na Escola de Educação Física do Espírito Santo proporcionava aos alunos uma formação ampla e generalista, que lhes permitia compreender historicamente como cada país organizava seus sistemas ginásticos. Para tanto, procurava-se, por meio da *História Clássica*, encontrar as marcas daquilo em que se acreditava ser, dentro da história das civilizações, os elementos que compunham a prática dos povos, como a caça, a guerra, os jogos, entre outros, elementos que se entendia estarem relacionados com uma educação do corpo. Dessa forma, compreendia-se que essas manifestações se configuravam como elementos da cultura, que possibilitavam encontrar os sinais daquilo que se entendia como uma concepção histórica da origem da Educação Física. Porém havia um sentido na forma como se entendia o ensino da História, pois contribuía para as mais diversas interpretações e reinterpretações do presente.

Ao pesquisarmos sobre a disciplina História da Educação Física no Curso de Educação Física oferecido entre os anos de 1931 e 1940, percebemos que o propósito era formar alunos com conhecimento geral sobre a constituição do que se entendia por Educação Física e sobre a evolução do método.

Dada a ampla seleção de assuntos a serem estudados em apenas quinze dias letivos, em função tanto das características do Curso quanto do tempo de formação dos alunos, acreditamos que era árdua a missão de se conseguir que os objetivos propostos no programa da disciplina fossem alcançados no período em que ocorriam as aulas, por isso o conteúdo era bem resumido e ensinado de forma sintetizada.

Além disso, por se tratar de um curto período destinado ao ensino da História da Educação Física, cujos conteúdos já vinham preestabelecidos no livro *Histórico da Educação Física*, possivelmente não havia tempo para que os alunos pudessem discuti-los de maneira mais profunda.

Aos alunos cabia atualizarem-se mediante a leitura de temas que, posteriormente, seriam abordados em sabatinas e avaliações finais.

Constatamos que o ensino de História da Educação Física tinha por finalidade situar os alunos com relação aos processos históricos que possibilitaram posteriormente a materialização da Educação Física como uma disciplina escolar.

Determinar o lugar da disciplina de História da Educação Física no currículo de Educação Física evidencia uma compreensão da origem da Educação Física na história do desenvolvimento das civilizações, uma Educação Física sistematizada por meio de diferentes métodos ginásticos.

Finalmente constatamos que, embora fossem amplos os conteúdos a serem estudados em um curto período de tempo, o corpo docente do Curso se esforçava para que esse conhecimento fosse incorporado pelo aluno, uma vez que se constituía como um fundamento pedagógico que viria a ser a base para a interpretação do papel da Educação Física no campo educacional, para a compreensão da matriz curricular do Curso, para as prescrições do Método Francês, compreendido naquele momento como o ápice do desenvolvimento de um projeto educativo que tinha como objetivo reformar a humanidade e formar o homem novo tão decantado na modernidade.

2 AS MONOGRAFIAS DISCENTES COMO FONTE: MODELOS, TEORIAS E AUTORES NA ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Resumo: Analisa as monografias discentes para compreender as apropriações pelos alunos dos conteúdos estudados na disciplina História da Educação Física, sua sistematização e materialização nas sínteses monográficas entre os anos de 1932-1939. Utiliza como fontes 127 monografias e documentos do Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Assume como referencial teórico-metodológico a crítica documental (BLOCH, 2001) para analisar, nos documentos do Arquivo Permanente, o conceito de lutas de representações (CHARTIER, 1990). Verifica que a construção textual das monografias que discutem direta e indiretamente a História da Educação Física toma como referência a história geral das civilizações, momento em que se podia contextualizar historicamente a Educação Física. A apropriação dos discursos e dos conteúdos estudados aparece nas monografias, ajudando a consolidar a ideia da importância desse conhecimento para a humanidade e, também, dos professores dessa disciplina, em especial aqueles que se pautavam na ginástica francesa, o método oficial naquele momento.

Palavras-chave: *Monografias. História da Educação Física. Arquivo Permanente.*

2.1 INTRODUÇÃO

O CEFD/Ufes guarda a memória do que foi o Curso de Educação Física em documentos conservados no Arquivo Permanente, o qual compreende um acervo em cuja montagem é possível perceber as marcas da trajetória do Curso.

Puderam ser localizados nesse Arquivo diversos documentos referentes ao Curso. Dentre os registros feitos, localizamos 136 dossiês de alunos e constatamos a existência de um conjunto de trabalhos de final de curso produzidos por eles, desenvolvidos na Escola de Educação Física do Espírito Santo entre os anos de 1932 e 1939. Na sua totalidade, somavam 127 monografias anexadas aos dossiês.

Durante o período de 1932 a 1969, foram diplomados na Escola de Educação Física 149 alunos e elaboradas 127 monografias¹⁶.

A produção de monografias tornou-se obrigatória a partir da entrada da segunda turma, que ocorreu entre os meses de dezembro de 1931 e março de 1932.

O Curso ficou conhecido nesse momento como Curso de Férias, pois era ofertado no período de recesso escolar. Concluimos que a estratégia de ministrar um curso de férias permitia que os professores normalistas se formassem em Educação Física sem que fosse comprometido o calendário escolar.

Ao analisar essas monografias, percebemos que os temas abordados eram de livre escolha, como podemos observar no relato da aluna Sylvia Rocha, da turma de 1933:

Depois de um periodo de três mezes, cheio de preocupações, em luta constante com os livros para conseguir um feliz fim de curso, depois de atingida a méta há muito almejada, aprovação final nos exames, resta-nos agora, satisfazendo a uma praxe regulamentar, apresentar um trabalho de livre escolha sobre a educação física (ROCHA, 1933).

Como ponto central deste capítulo, buscamos analisar, por meio do estudo dessas monografias, quais os conteúdos de História da Educação Física abordados pelos alunos em seus trabalhos de conclusão de curso.

O estudo das monografias produzidas pelos alunos mostrou-nos a forma como eram utilizados os conhecimentos ensinados por meio da disciplina. Apontou-nos uma relação entre os temas abordados e os conteúdos de História da Educação Física bem como do livro *Histórico da Educação Física*. Os assuntos tratados, de modo geral, giravam em torno dos conhecimentos ensinados por meio das preleções dos professores, dos materiais didáticos, dos livros e dos polígrafos, que eram as fontes a que os alunos tinham acesso nas aulas. Por serem temas de livre escolha, os alunos buscavam abordar em seus trabalhos de final de curso as temáticas que para eles eram mais familiares ou consideradas relevantes.

¹⁶ Quatorze trabalhos não foram encontrados no Arquivo do CEFD/UFES. Podem ter-se perdido em razão das condições de armazenamento, preservação, transporte, ou mesmo do descarte de documentos, entre outras possíveis causas que ocasionaram sua perda ou desaparecimento.

Bruschi (2015), em sua dissertação intitulada *As mulheres na escolarização da Educação Física no Espírito Santo: professoras e autoras (1931-1939)*, aborda a forma como eram produzidas as monografias dos alunos na Escola de Educação Física do Espírito Santo, o que pode ser comprovado pelo levantamento das temáticas que mais frequentemente apareciam nas produções dos estudantes. A autora sinaliza treze eixos centrais nas discussões das monografias: progresso, mulher, infância, saúde, ginástica, História da Educação Física, métodos ginásticos, esporte, jogos, formação docente, atletismo, Fisiologia e Biometria.

A produção dessas monografias leva-nos a acreditar em uma contribuição histórica, pedagógica e científica da Educação Física capixaba. Para o entendimento do papel da Educação Física naqueles anos iniciais do Curso, elas refletem a sistematização de uma produção intelectual que evidencia as práticas e teorias da área. Nos textos produzidos pelos alunos, pudemos identificar os elementos que compunham os discursos a respeito do que se compreendia como Educação Física. Buscamos analisar como foram abordados nas monografias os conteúdos de História da Educação Física e quais os autores utilizados para a materialização da escrita acadêmica sobre a disciplina.

Bloch (2001, p. 41), em seu livro *Apologia da história: ou o ofício do historiador*, busca responder à pergunta “Para que serve a história?”. Esse questionamento o motivou e fez com que escrevesse o seu último livro, que tinha como objetivo mostrar qual é o papel de um historiador, desenvolvendo a ideia de que parte desse ofício é saber expressar-se de maneira clara tanto para os doutos quanto para os não doutos.

Bloch (2001) não apresenta uma resposta direta a essa pergunta, pois a história é um campo complexo, mas apresenta uma série de características historiográficas, desde o objeto da história, as suas fontes, os seus métodos, os seus problemas, até o ofício do historiador na interpretação das fontes. Para Bloch (2001, p. 75), “[...] o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. É nesse sentido que o autor apresenta uma crítica à definição de história uma ciência cujo objeto seria o passado. Para ele essa ideia beira o absurdo. Bloch afirma que a história é produto de uma escolha dos homens, portanto o objeto da história não é o passado, mas o homem, ou melhor, a história dos homens no tempo.

A esse respeito, Bloch se posiciona:

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2001, p. 54).

O historiador também pode ser comparado a um detetive na cena de um crime, onde os vestígios bem como as mentiras deixadas podem guiar as investigações e interpretações do cenário. Dessa forma, na análise de documentos, o historiador deve estar atento às intencionalidades neles contidas, pois tudo o que o homem toca tem uma finalidade. Não é por acaso que algumas informações são destacadas nos documentos e outras não. Por isso, a crítica documental deve ser a lupa que o detetive utiliza para ampliar o campo de visão e enxergar, através das lentes, os detalhes que estão nas linhas dos documentos, percebendo o que foi dito mesmo sem a intenção do autor.

Parafraseando Bloch (2001), não basta que o historiador tenha uma grande quantidade de fontes, de documentos, se não souber questioná-los. “Pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001, p. 71).

Com base nos estudos de Bloch, buscamos compreender como os conteúdos e elementos da História da Educação Física foram descritos nas monografias produzidas pelos alunos no interior do Curso.

Para nos auxiliar nas análises e compreender os discursos das monografias dos alunos, utilizamos as reflexões de Chartier (1991), autor que propõe novas abordagens acerca do mundo do texto e do mundo do leitor. Para ele, como historiador, o espaço de trabalho específico

[...] organiza-se em três pólos, geralmente separados pelas tradições acadêmicas: de um lado, o estudo crítico dos textos, [...]; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contêm a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas (CHARTIER, 1991, p. 178).

Compreender as formas dos discursos presentes nas monografias nos possibilitou perceber o lugar da produção, dos documentos, das práticas de leituras, dos gestos e dos hábitos de escrita.

De acordo com Chartier, existem duas hipóteses para entender as práticas de leitura:

A primeira hipótese sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado, cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades. A segunda considera que as significações múltiplas e móveis do texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (CHARTIER, 1991, p. 178).

As práticas de leitura, os discursos, a forma como eram organizadas as disciplinas são fatores que interferiam e mudavam as concepções dos alunos sobre o significado da Educação Física, desde o período pré-histórico, em que se acreditava estar a origem da Educação Física, passando pela modernidade e até aquele momento vivenciado, o contemporâneo. Essa forma de compreender e ensinar a História da Educação Física, na década de 1930, pode ser percebida nos trabalhos de final de curso.

Encontramos essa forma de sistematizar a história mesmo nos trabalhos daqueles alunos que não se propuseram discutir como tema central a História. Pudemos perceber a presença de conteúdos da disciplina História da Educação Física em diversos trabalhos, principalmente na Introdução. Essa ocorrência nos leva a pensar que os conteúdos ensinados na disciplina foram compreendidos e incorporados pelos alunos, a ponto de serem materializados em suas escritas, nas quais estabeleceram como contextualização as demarcações históricas apreendidas em sala de aula e nas leituras.

2.2 AS MONOGRAFIAS COMO ESPAÇO DE SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

No Curso de Educação Física do Espírito Santo, entre os anos de 1932 e 1939, era exigida a produção de um trabalho final de curso, escrito na forma de monografia, como requisito parcial para a obtenção do título de professor de Educação Física. Ao

investigarmos o Arquivo Permanente, fizemos uma seleção do conjunto de documentos desse acervo, por meio da qual pudemos ter acesso às monografias elaboradas pelos alunos.

Percebemos que essas monografias somente passaram a ser produzidas a partir da segunda turma, no ano de 1932, momento em que se tornou um requisito obrigatório para diplomação dos alunos. Os documentos sinalizam que a apresentação dos trabalhos era considerada um dos momentos de maior relevância para o Curso. A ele compareciam as autoridades do Estado, que eram convidadas a assistir às apresentações. Dentre as que compareciam a essas solenidades, podemos citar o Secretário da Instrução Pública, os Tenentes do Exército e o Capitão João Punaro Bley, Interventor Federal do Espírito Santo.

A presença de autoridades do cenário político na escola de Educação Física sinaliza a relevância e a contribuição social da diplomação de professores de Educação Física, que tinham como função difundir o Método Francês no ensino secundário. Acreditamos, todavia, que as autoridades que compareciam à apresentação das monografias e à cerimônia de diplomação, além de reconhecer a importância do Curso, buscavam verificar se ele estava atendendo as expectativas de um projeto político que visava obter o melhoramento da raça e materializando a ideia de que, por meio da Educação Física, poderiam ser despertados um espírito patriótico bem como o sentimento de pertencimento à Nação.

O momento da apresentação das monografias era apropriado para se observarem os discursos dos futuros professores de Educação Física, que, posteriormente, seriam ensinados para os alunos das escolas.

As monografias eram datilografadas, ou mesmo, manuscritas. Em sua apresentação formal tinham capa, contracapa, dedicatória, introdução, desenvolvimento e conclusão. Não encontramos monografias com as referências bibliográficas¹⁷. Embora apresentassem as características citadas acima, não havia

¹⁷ A falta de referências bibliográficas dificultou a identificação das obras das quais algumas citações ou ideias foram extraídas. Para além disso, não há no Arquivo Permanente, documentos que possam indicar onde foram guardados os livros que havia na biblioteca do Curso no período de 1931 a 1939. Alguns exemplares dessas obras haviam sido mencionados nos boletins diários do Curso. Foi possível localizar alguns em acervos particulares, na coleção especial de Aloyr Queiroz de Araújo e na Biblioteca do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria).

exigência nem rigor metodológicos acerca da estrutura dos trabalhos. A formatação do texto variava entre os alunos: em alguns casos, era mais elaborada; em outros, mais simples. Havia pesquisas que já iniciavam com o tema, sem antes trazer uma introdução; outras apresentavam a introdução e o desenvolvimento, porém não havia uma reflexão final ou conclusões.

Os trabalhos monográficos tinham entre três e cinco páginas, possivelmente pelo fato de o Curso ter a duração de 6 meses. Esse fator pode ter interferido diretamente no tempo destinado à elaboração dos trabalhos. Também não encontramos nenhum registro indicando que os trabalhos eram orientados pelos professores. Em alguns casos, percebemos que os alunos dedicavam a monografia a seus professores, mas isso não nos pareceu suficiente para afirmar que o homenageado havia participado da orientação da pesquisa, já que também eram feitas referências e homenagens aos familiares dos estudantes.

No Curso de Educação Física do Espírito Santo havia uma biblioteca¹⁸, cujo acervo se compunha de livros, revistas e outros materiais doados, mas não havia uma quantidade significativa para consulta. Possivelmente os alunos os utilizavam como base para a escrita dos textos. Apesar da existência da biblioteca, havia carência de material bibliográfico. A esse respeito, afirma Freitas:

Procuramos mostrar nesse modesto “trabalho de fim de curso” a estreita relação que existe entre o desenvolvimento físico e o intelectual. Os nossos pequenos conhecimentos, auridos em apenas alguns meses de aprendizado, não nos permitem um trabalho substancial, sob bases essencialmente científicas. Move-nos, porém, aliado ao dever de cumprir disposições regulamentares, um grande desejo de fazer algo útil à causa que hoje abraçamos (FREITAS, 1939, p. 1).

Por vezes, as monografias traziam citações diretas e indiretas, porém não havia referências bibliográficas que sinalizassem de onde e de quais livros essas ideias eram retiradas. O trabalho não continha informações relacionadas ao número de página, ao ano, ao autor, e as leituras não eram referenciadas. A ausência dessas informações dificultou identificar quais eram as práticas de leitura que o Curso oferecia

¹⁸ Na biblioteca atual do CEFD/UFES e no acervo do Grupo de Estudos Proteoria podem ser localizados alguns livros utilizados na década de 1930 pelos alunos, como *Histórico da Educação Física*, *Réglement Général d'Education Physique* e exemplares de periódicos da *Revista de Educação Física*.

aos alunos para torná-los aptos a lecionar e também produzir um texto final sobre a Educação Física.

Silva (1996, p. 112) comenta:

Sobre esse assunto, a professora Arlete Cypreste, do Curso Especial de Educação Física, em 1935, e professora da Escola de Educação Física do Espírito Santo (EEF-ES), na direção do professor Aloyr Queiroz de Araújo, refere-se ao livro “Histórico da Educação Física” como o único livro existente na Escola, já que as demais disciplinas trabalhavam com polígrafos, que ao serem reunidos poderiam formar outros livros (SILVA, 1996, p. 112).

Nos trabalhos de conclusão do Curso, há marcas que indicam a possibilidade de terem sido utilizados, na construção das monografias, os discursos dos professores. Os alunos se apropriavam do que ouviam em sala de aula, associavam esses saberes com os aprendidos nas disciplinas e, posteriormente, criavam os discursos que compunham as suas monografias.

Pudemos verificar, nos trabalhos de alguns alunos, dentre os quais destacamos os de Darcy Grijó e Dirceolinda Madureira, da turma de 1939, que a apropriação dos discursos, tanto os dos professores quanto os veiculados nos livros que circulavam sobre a Educação Física, havia ocorrido, apresentando-se no discurso de todos.

Segundo o Regulamento interno da Escola, ao concluirmos o Curso, devemos apresentar um trabalho em que demonstraremos o nosso maior cabedal de conhecimento referentes à Educação Física (GRIJÓ, 1939).

[...]

Depois de ouvirmos tantos e tantos ensinamentos nesta modelar casa de ensino, cumpre-nos o dever, como professores-alunos, de apresentar um trabalho de fim de curso.

É deveras importante esta parte, porque teremos de nos expressar com a mais franca clareza, para podermos demonstrar aos nossos dignos mestres a nossa profunda gratidão pelos tão sábios ensinamentos dados durante o período de aulas (MADUREIRA, 1939).

No dia da leitura dos trabalhos, o aluno se posicionava diante da comissão avaliadora, que era composta por três professores do Departamento de Educação Física, e fazia a sua exposição. Os professores atribuíam-lhe uma nota, ou melhor, avaliavam o seu desempenho mediante a classificação final do trabalho apresentado, a qual compreendia os conceitos “Distinção com Louvor”, “Distinção”, “Muito Bom” e “Bom”. Não localizamos no Arquivo Permanente documentos que pudessem indicar quais os critérios utilizados pelos professores para chegarem a essa conclusão, mas percebemos que os alunos que se destacavam nessa classificação eram os que

tinham as melhores notas da turma. Possivelmente, eram levados em consideração não apenas o ato da apresentação e o texto apresentado, mas também o processo de aprendizagem do discente, uma vez que os temas eram de livre escolha e os alunos dispunham de pouquíssimo material bibliográfico para consulta.

No Arquivo Permanente do CEFD/UFES, foram localizadas 127 monografias. Esses trabalhos foram mantidos no Arquivo Permanente junto com os dossiês dos alunos. Bruschi (2015) destaca que algumas monografias, em sua maioria as mais bem classificadas, foram publicadas na íntegra em jornais impressos do estado do Espírito Santo e na Revista de Educação.

2.3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CONTEXTO NAS MONOGRAFIAS

Ao estudarmos as monografias dos alunos, percebemos em várias delas uma contextualização histórica do objeto investigado. Essa contextualização pareceu estar relacionada com os conteúdos da disciplina de História da Educação Física estudados no decorrer do Curso. Bruschi (2015), quando analisou essas mesmas monografias, identificou dez trabalhos elaborados na década de 1930, cujo tema era a História da Educação Física.

A esse respeito, a autora expõe:

Por meio do levantamento realizado no Arquivo Permanente do CEFD/Ufes, considerando somente as monografias localizadas nos dossiês dos alunos, realizamos uma categorização dos temas discutidos por eles durante a década de 1930, no Espírito Santo [...]. Quando os títulos das monografias não sinalizavam o tema abordado, foi realizada uma leitura para determinar o tema discutido. Dessa forma, delineamos 14 eixos temáticos [...] (BRUSCHI, 2015, p. 113).

Analisando esses trabalhos, estivemos com o olhar voltado para o discurso da História da Educação Física. Isso nos possibilitou perceber que os conteúdos históricos perpassavam diversas monografias. Mesmo as que não buscavam discutir a história como tema central, em algum momento, se utilizavam de uma contextualização histórica nessa área como caracterização ou introdução parcial de seus trabalhos.

O nosso objetivo permitiu-nos aprofundar as temáticas apresentadas. Isso significa dizer que, embora vários estudos não pretendessem abordar a História da Educação Física como eixo central, havia um número expressivo de monografias que se utilizavam dos conhecimentos adquiridos por meio dessa disciplina para contextualizar ou fazer uma introdução de seus temas específicos. Essa era a ideia de linearidade pela qual os alunos entendiam a História da Educação Física como uma prática que sempre existiu, desde a era primitiva, passando pelos povos da antiguidade, a renascença e a contemporaneidade.

Após a leitura das 127 monografias, nós as dividimos em duas categorias: as que abordavam a História da Educação Física e as que não abordavam. Para tanto, utilizamos como critério de seleção os conteúdos do programa da disciplina e/ou os conteúdos relacionados ao livro *Histórico da Educação Física*, material didático considerado básico.

Utilizando esse critério, identificamos 96 monografias, cujos temas não se associavam aos conteúdos da disciplina. Os assuntos trabalhados vinculavam-se aos conteúdos de outras disciplinas, como, por exemplo, a Biometria e a Fisiologia, mais difíceis de se correlacionarem à História na forma como era ministrada no Curso. Outros temas abordados foram os jogos, as danças, o Método Francês, a infância, a mulher, a saúde, os quais também não se relacionavam à disciplina História da Educação Física.

Elaborar uma monografia é materializar e documentar a produção intelectual e os conhecimentos adquiridos durante a formação. Acreditamos que a construção dessas monografias revelou a expectativa dos alunos de contribuir com a produção científica de um tema que consideravam relevante e de demonstrar condições para isso, problematizando, reafirmando ou evidenciando conteúdos que, possivelmente, eram pouco discutidos naquele momento.

Adão Benezath, aluno da turma de 1935, assim se expressa sobre o tema que abordou:

Medindo bem a responsabilidade moral que nos peza como professor-aluno, procuramos, embora superficialmente, focalizar aqui, dentre tantos e tão variados aspectos que se nos apresenta a Educação Física, um que nos

pareceu interessante – O valor dos jogos: ação do Instrutor, dado o seu grau de simplicidade e utilidade na formação física e intelectual. Expressando-nos assim, com sinceridade, que foi sempre o característico de todos os nossos atos, sentimos ter cumprido o dever (BENEZATH, 1935).

O Curso dispunha de uma pequena biblioteca, com poucos livros, e a carência de materiais bibliográficos fez com que seis alunos justificassem, na introdução, que sua monografia havia sido redigida com superficialidade, uma vez que o que vinham produzindo fundamentava-se nas impressões e experiências vivenciadas sobre o tema escolhido. Com relação a essa característica, observamos que poucos trabalhos traziam citações de uma comunidade argumentativa.

Outros alunos buscaram escrever sobre uma temática que havia sido abordada em outras disciplinas, como foi relatado pela aluna Dirceolinda Madureira, que enfatizou:

O meu assunto é uma parte interessantíssima para nós, professoras. Sem ela, sem o seu concurso, nada poderemos fazer – “A BIOMETRIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA”, visto ser o seu papel relevante quanto à classificação do aluno, o seu tipo e a sua conformação. Espero, senhores professores, nesta minha ligeira palestra, mostrar superficialmente o valor desta cadeira que nos ensinou a acompanhar gradativamente o desenvolvimento da criança, que servirá de modelo para a regeneração de nossa raça (MADUREIRA, 1939).

Observamos que esses trabalhos não se utilizavam da História da Educação Física para contextualizar seu objeto de estudo ou para situar o tema dentro de uma história linear como era a concepção da disciplina ensinada no Curso. Em contrapartida, localizamos 31 monografias que discutiam e/ou utilizavam os conhecimentos adquiridos em História da Educação Física para contextualizar seus trabalhos. Daremos maior evidência a estas monografias a fim de apontar os momentos em que se situava o ensino de História da Educação Física na produção textual dos trabalhos de final de curso.

Os trabalhos que abordavam a História da Educação Física foram divididos em dois grupos. No primeiro grupo estavam os que apresentavam a história como tema central de suas narrativas. No segundo grupo situavam-se os que utilizavam a história para dar fundamentação, ou melhor, contextualizar o tema, ou para situar o objeto de pesquisa no tempo. Assim os alunos, ao recorrerem à história, buscavam sinalizar a

relação entre os conhecimentos da disciplina com os conteúdos por eles trabalhados nas monografias.

Depois de categorizados os trabalhos, identificamos dez monografias que discutiam a História da Educação Física como tema central, e contabilizamos 21 que abordavam a História da Educação Física como contexto, todas produzidas entre os anos de 1932 e 1939.

Quando utilizavam os conteúdos históricos, os alunos buscavam evidenciar a linearidade e a permanência do seu objeto na produção do conhecimento relativo à Educação Física, as quais encontravam as suas marcas na história bem como na concepção de história ensinada no Curso.

Os 21 trabalhos que abordavam a História da Educação Física como elemento para introduzir a produção textual ou para contextualizar o objeto de investigação evidenciavam, mesmo que a história não fosse o tema proposto ou o tema central das monografias, as marcas do que era ensinado na disciplina e o modo como esses saberes foram utilizados na escrita dos trabalhos.

Chartier expõe:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar [ou deslegitimar] um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Os discursos produzidos pelos alunos em suas monografias caracterizavam-se como movimentos táticos, pois o que era materializado nos trabalhos não se confrontava com o que vinha sendo ensinado como História da Educação Física. O discurso presente na disciplina visava demonstrar que o Método Francês era o que havia de mais moderno e original para o brasileiro, pois era um método que trazia uma ideologia atrelada à proposta esportivizante.

Esse movimento evidenciava que, embora as práticas posteriores pudessem ser diferentes dos discursos, no contexto da elaboração e escrita das monografias, de maneira consciente ou inconsciente, o que se assumia era o posicionamento oficial.

No trabalho intitulado *A Educação Física e o Atletismo*, da aluna Alva Piovesan, diplomada em 1933, observamos que a história foi utilizada como introdução. Para situar o seu tema, ela recorreu à história, momento em que destacou a influência que a cultura grega teve sobre a Educação Física e o Atletismo.

Grécia, a genial, que exerceu durante séculos a hegemonia do saber, que foi berço da civilização antiga, das grandes instituições, legou-nos uma caudal de conhecimentos científicos e práticos, e como úteis e preciosos para toda a ordem de cousas, que bastaria copiar suas modalidades para chegar a alcançar prestígios, honras e grandezas (PIOVESAN, A., 1993, p. 1).

Embora a citação acima não tenha demonstrado, de forma explícita, de que obra essas ideias foram retiradas, uma vez que não havia indicações de referências bibliográficas nos trabalhos, podemos relacionar esse apontamento com o que foi estudado pelos alunos na disciplina História da Educação Física, especialmente no livro didático *Histórico da Educação Física*, escrito pelos Tenentes, que aborda a civilização grega em seu apogeu, mostrando a influência dessa civilização no desenvolvimento da Educação Física e das suas práticas. Nesse contexto, Chartier diz que, “[...] para cada caso, é necessário o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Entre as monografias que recorreram à História da Educação Física para dar sentido às suas temáticas, destacamos outros trabalhos, além do de Piovesan, que também fizeram referência à cultura grega como um marco na constituição da Educação Física.

Para a aluna Celina Cardoso,

[...] os gregos, povo essencialmente artístico, qua [sic] a dança atingiu o seu maior esplendor, entrando na educação nacional, fazendo parte não sòmente de todas as cerimônias solenes, religiosas ou civis, como também de todas as festividades de todos os jogos públicos, sob as mais variadas fórmis (CARDOSO, 1934, p. 5).

Já o aluno Ios Piovesan, irmão de Alva Piovesan, no seu estudo buscava evidenciar que

[...] a Antiga Grecia, onde todos, sem exceção, desde a mais tenra idade, praticavam a Educação Física, tornou os gregos os mais bellos homens da época. [...] A beleza, a graça, a harmonia de formas helenas até agora não foram superadas (PIOVESAN, I., 1933, p. 1).

Léa Manhães de Andrade, diplomada em 1939, em sua monografia intitulada *Ação do físico sobre o moral*, também faz referência à civilização grega como um marco. A autora relata:

Na Grécia antiga, o exercício físico com o fim moral era de incomparável importância. Nenhum homem livre poderia deixar de frequentar as instituições educacionais do corpo e do espírito.

[...]

Seu principal objetivo era chegar ao mais alto grau de perfeição racial, conseguindo o máximo de educação moral, intelectual e física. O indivíduo que isso atingisse, seria considerando o tipo perfeito, merecendo a consagração dos deuses.

[...]

Chegavam os Gregos ao exagero de sacrificar as crianças nascidas diafórmicas para que não houvesse degeneração da raça (ANDRADE, 1939, p. 2).

O aluno Napoleão Freitas, em sua monografia denominada *A Educação Física como fonte de moral*, fez uma citação que abordava a cultura dos gregos. Buscando identificar de onde essa citação foi extraída, percebemos que ela se encontrava no livro *Histórico da Educação Física*, no capítulo 2.^o *Período Clássico*, na seção referente à Grécia Antiga.

Historiadores antigos e modernos são unânimes em afirmar que “na Grécia a nenhum homem livre era dado deixar de frequentar as instituições educacionais do corpo e do espírito. Os cidadãos de Atenas e de Esparta guardavam por toda a sua vida os traços e os benefícios e salutaros resultados dos exercícios físicos. Era uma condição imposta pela sociedade a frequência aos lugares onde se praticava o exercício físico, e os maiores filósofos, poetas e historiadores, participando desses exercícios, distinguiram-se, muitas vezes. Pitágoras foi vencedor no pugilato, Eurípedes, nos jogos olímpicos, Platão, Crisipo, Timocreon e muitos outros foram atletas respeitáveis” (FREITAS, 1934, p. 2).

Outra monografia em que também foi possível localizar citações do livro *Histórico da Educação Física* foi intitulada *A Educação Física e suas vantagens*, da aluna Esther de Souza Moura. Nela a estudante destaca: “Lembremo-nos da antiga Grécia, ‘esta terra onde o homem se torna um herói, o gênio um semi-deus, a liberdade de um príncipe, o pensamento uma maravilha, o amor uma divindade, a beleza uma imortalidade” (MOURA, 1934, p. 2).

Nessas citações, podemos perceber um discurso comum nos trabalhos apresentados, a apropriação de um discurso materializado nas monografias. Segundo Chartier, “[...] a apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das

interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1991, p. 178). O autor salienta ser necessário ficar atento às condições nas quais foram recebidos e apropriados os discursos, para compreender as suas formas e os seus sentidos e o modo como aparecem em uma situação particular.

Para Schneider, pode-se observar um movimento que se relaciona com as lutas de representação:

As lutas de representação nesse sentido são lutas entre modelos, ideais, que buscam se tornar referência para resolver questões mais amplas, não somente para responder àquelas que imediatamente são evocadas. Desse modo, é preciso situar a discussão em um campo que está em disputa, em concorrência, cujos desafios se anunciam em termos de poder e competição (SCHNEIDER, 2007, p. 145).

De maneira geral, os trabalhos que se utilizavam dos saberes da disciplina História da Educação Física traziam uma sequência de acontecimentos e uma suposta evolução da Educação Física apresentadas em um estado de linearidade. Essas monografias continham um resumo histórico e uma breve história dos conteúdos que haviam sido ministrados no decorrer da formação como professor de Educação Física, situando as discussões dentro do contexto apresentado e viabilizando uma introdução e as marcas históricas dos trabalhos.

A reprodução de um discurso relativo à História da Educação Física demonstra que os alunos, em suas monografias, incorporavam os conceitos ensinados na disciplina, fazendo uso deles e adaptando-os às suas necessidades.

Sobre o uso de um impresso, Carvalho assim se expressa:

Se, por um lado, é necessário situar o impresso de uso escolar relativamente às modalidades diferenciadas de concepção pedagógica que presidem a sua produção e distribuição, por outro é necessário pensar que, uma vez produzido e distribuído, o impresso pode ganhar vida própria, sendo objeto de usos não previstos pelas regras que presidiram a sua produção, o que significa também que um mesmo impresso pode comportar usos diferenciados em tempos e espaços distintos [...] e que determinar as estratégias políticas, pedagógicas e editoriais que produziram e fizeram circular um impresso é condição necessária, mas não suficiente, para se dar conta de seus usos (CARVALHO, 2001, p. 138).

Dessa forma, ao considerar a materialidade do discurso na produção de um autor e o texto do seu trabalho de final de curso, podíamos perceber a existência dos

agentes envolvidos nesse processo: a instituição, os professores ou mesmo as autoridades que estariam presentes no momento da apresentação das monografias. A (re)produção de um discurso deveria vir ao encontro do que se esperava como características de um bom professor de Educação Física, formado para atuar nas escolas capixabas. Em contrapartida, ao que parece, a História da Educação Física era utilizada para o aluno se resguardar, minimizando assim possíveis críticas à contextualização do tema escolhido para desenvolver como produção monográfica.

2.3.1 A História da Educação Física como tema central na escrita das monografias

No Arquivo Permanente encontramos dez monografias que tinham como tema central discutir a História da Educação Física. Essas monografias também foram analisadas por Bruschi, que a esse respeito comenta:

No eixo temático História da Educação Física, foram identificadas as produções que sinalizaram como os exercícios físicos eram considerados importantes para o desenvolvimento de povos antigos, na formação de homens e de mulheres fortes que auxiliavam no engrandecimento dos seus povos, como os gregos e espartanos, até a chegada na atualidade, perpassando também por questões religiosas e seus entraves para que a educação do corpo ocorresse. As monografias demonstraram ser a prática da Educação Física uma importante ferramenta de construção de um povo, capaz de regenerar uma raça e promover um completo desenvolvimento dos costumes (BRUSCHI, 2015, p. 114).

Os assuntos ministrados em sala de aula seguiam o cronograma estabelecido no programa da disciplina e o material didático adotado. Esses componentes foram incorporados e materializados, configurando-se na escrita dessas monografias como forma de apropriação dos discursos e dos conteúdos estudados bem como das vivências no Curso.

De acordo com Ginzburg (1989, p. 63), isso ocorre “[...] quando os documentos existem, as imagens são lidas em registro psicologizante e biográfico; quando faltam ou não são suficientemente eloquentes, curva-se sobre um tipo de leitura mais descritiva e menos interpretativa”. Dessa maneira, a escrita das monografias poderia ser narrativa interpretativa dos estudantes ao se referirem à gênese da Educação Física.

A História da Educação Física, no aspecto evolutivo e linear, era a compreensão que tinham acerca dessa disciplina. Outras questões também contribuíram para que essa abordagem fosse assumida, muito em virtude de os alunos terem recebido pouco material referente ao ensino da disciplina e, possivelmente, da dificuldade de se localizarem outros materiais didáticos e de se adquirirem outras literaturas sobre a temática.

Na análise dos dez trabalhos que tinham como tema central discutir a História da Educação Física, buscamos destacar as similaridades dos conteúdos abordados em algumas dessas monografias a fim de compreendermos em que pontos elas se aproximaram e em que momentos se distanciaram. É importante destacar a grande possibilidade de as monografias terem sido escritas seguindo um roteiro, ou seja, por meio de uma transcrição, ou parafraseando o livro *Histórico da Educação Física*, uma vez que, de acordo com os documentos do Arquivo Permanente, era esse o único livro relacionado com os conteúdos históricos disponível aos alunos.

Alguns dos títulos dos trabalhos já apontavam o que se compreendia por História da Educação Física. São eles: *A Educação Física através da Historia*; *Da Educação Física – sua Origem – Evolução*; *Evolução da Educação Física e seu Desenvolvimento no Brasil*; *O Cristianismo como entrave ao Desenvolvimento da Educação Física – o Renascimento – Alguns precursores*.

Em outros títulos, já não se podia perceber de forma explícita o que os alunos pretendiam discutir sobre a História da Educação Física. Destacamos alguns: *A Arte de Viver*; *Educação Física*; *Necessidade da Educação Physica*; *Eva e a Educação Physica*.

De maneira geral, os trabalhos compartilhavam uma mesma ideia central: o pensamento de que a Educação Física se desenvolvera até chegar aos moldes em que se configurava naquela atualidade.

A História da Educação Física se confundia com a história da Teoria da Evolução. Alguns alunos do Curso associavam a origem da Educação Física ao desenvolvimento do homem primitivo. Podemos observar essa associação no trabalho do aluno Berilo Basílio:

Não se sabe ao certo quando o homem apareceu sobre a face da terra, pois os dados históricos nos fornecem [...] uma idade posterior ao seu aparecimento.

[...]

Porém, no princípio, o homem habitou em locais de pedras e cavernas, sem meios necessários para defender-se dos ataques das feras. Naturalmente ele pôz em jogo suas aptidões físicas: força, agilidade, resistência, destreza e coragem, pronto a qualquer momento para atacar e defender-se.

[...]

Mais tarde o homem começou a utilizar-se da pedra para fabricar seus utensílios e também como objeto de defesa (a idade da pedra lascada), e assim foi evocando a própria inteligência, descobrindo o arco, a flecha, o dardo, a lança, o escudo; com estes elementos, o homem pôz em jogo as suas aptidões como mau proveito, educando-as cada vez mais.

[...]

Com decorrer dos tempos, a educação física passou a ser cultivada não somente sobre o ponto de vista defensivo, mas com uma qualidade nobre [sic] (BASILIO, 1932).

Uma das monografias também expôs uma concepção criacionista¹⁹. A autora, Hilda Ferreira dos Santos, trouxe um relato bíblico, apontando Deus como o Criador do Universo, do mundo, e de todos os seres vivos. Apresentou uma visão diferente sobre o surgimento da Educação Física. Destacou o papel da mulher após a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, o que se deu em virtude de terem transgredido (surgimento do pecado) uma ordem expressa do Altíssimo de que não deveriam alimentar-se da árvore do conhecimento do Bem e do Mal, que se encontrava no meio do Jardim. Buscou explicar a Educação Física, utilizando uma concepção ligada à Religião Cristã, ou seja, relacionando esse evento com o surgimento de práticas que podiam ser associadas à Educação Física.

Esta situação de constante insurgimento feminino contra os preceitos que entravam a liberdade da mulher, impedindo-lhe uma cooperação eficiente no concerto das actividades universais, não é senão a resultante de uma aplicação racional de educação physica.

[...]

Estabelecendo-se um confronto dos vários typos humanos, de tempos diferentes, evoluindo para a civilização até a phase hodierna, conclue-se que os exercícios physicos praticados por necessidade ou deliberadamente, imprimiram um cunho singular nos povos e nas épocas.

[...]

Iniciando a visão panorâmica do mundo, partindo do Universo, creada à maneira da Igreja, com todas as suas curiosas analogias, desde o momento em que a História Sagrada nos apresenta Eva no Paraíso, podemos imaginar a mulher no esplendor e no gozo das suas faculdades moraes e physicas, em

¹⁹ O criacionismo é uma estrutura/modelo conceitual que adota para o estudo da natureza a possibilidade da existência de um criador. Inicialmente, a vida teria sido criada, complexa, completa e funcional, em tipos básicos de seres vivos, dotados do aporte necessário para sofrer diversificação limitada ao longo do tempo. Existem três principais ramificações distintas dentro do criacionismo: a religiosa, a bíblica e a científica.

absoluto contacto com a natureza, porém já impedida de desfrutá-la dos preceitos da Lei Divina, imposição do extinto, dellas, usou, esplendidamente. [...]

Eva devia ser flexível, ágil, vibrátil – uma gynasta; em plena desenvoltura! No apogeo de sua força, quebrou o preconceito daquela época remotíssima, quis ser livre, viver! E esse anseio de vida e de liberdade já era um reflexo de ambiência, da sua exuberante mocidade em harmonia com o esplendor endêmico.

Eva, praticou, por força das circunstâncias, a Educação Physica (SANTOS, 1935).

Tendo em vista que as monografias apresentavam interpretações antagônicas acerca da origem da Educação Física, o que era evidenciado nos diferentes posicionamentos e crenças exibidos pelos estudantes, consideramos necessário analisar a temática dos trabalhos e expor as discussões que neles se mostravam aparentemente ocultas.

Uma das monografias contrapunha-se às demais, fazendo uma crítica a posicionamentos e ações características do Cristianismo na Idade Média. Esse estudo atribuía ao período a decadência da prática de atividades físicas e da ginástica, considerando-o como um entrave ao desenvolvimento da Educação Física. Esse foi o tema do trabalho da aluna Sylvia Rocha, que fez uma crítica ao Cristianismo como um movimento que limitou os avanços da Educação Física.

O cristianismo com sua ação moralizadora e regeneradora, sob todos os pontos de vista louvável, entretanto não foi com relação à educação física, pois, deixando em plano secundário a perfeição do corpo, visava unicamente à pureza moral, ao desprezo aos bens materiais.

[...]

E isto é em parte justificável, dada a perseguição a que estavam sujeitos os adeptos do cristianismo por parte dos imperadores romanos, que de modo algum se poderiam conformar com a sã moral e os dogmas cristãos, por demais avançados para a civilização da época. [...] Finalmente, depois de sujeições e perseguições cruéis, no reinado de Constantino, recebeu o cristianismo a sua liberdade, e foi mais tarde adotado por Teodósio, o Grande, como religião oficial do Estado.

[...]

Já pelos sacrifícios a que estavam expostos os cristãos, já pelo escarnecimento de que eram vítimas por parte dos pagãos, e ainda mais, os sãos princípios da religião cristã, procurando exclusivamente a perfeição moral, tudo isso contribuiu para que a educação física fosse colocada em plano secundário, como um empecilho à finalidade de moral cristã. [...] Seria naturalmente difícil estabelecer nessa época um sistema de educação física racional, dado o abandono e o esquecimento a que estavam legados os exercícios físicos (ROCHA, 1933, p. 1-3).

O aluno Berílio Basílio faz também uma menção ao período da Idade Média:

Na Idade Média, a educação física estacionou por muito tempo; o sentimento religioso levou aos homens não só descuidarem da educação física como impedir o seu progresso. A penitência e jejum, o desprezo corporal, era tido como um meio de aproximar-se de Deus (BASÍLIO, 1932).

Enquanto a cultura grega foi destacada nas monografias como um divisor de águas para a Educação Física, no que diz respeito ao trato com o corpo, à beleza e à virtude, a Idade Média foi considerada pelos estudantes como um período de retrocesso no desenvolvimento da Educação Física. Ao estabelecerem essa relação, os alunos concluíram que a culpa poderia estar associada aos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, que detinha o poder sobre o conhecimento naquele período histórico.

Salientou a aluna Diva Carvalho Mello:

Embora os romanos quizessem imitar os gregos, ficaram muito aquém destes, porque eram levados pelos seus espíritos conquistadores e índole sanguinária a uma deturpação constante. Chegavam ao barbarismo os espetáculos sangrentos de combate e luta que atraíam a multidão, sempre ávida de diversão onde pudesse dar livre expansão aos seus instintos.

[...]

Deante desse quadro de barbarismo, que restava fazer? Foi quando o Cristianismo, na sua reação contra esses excessos, relegou a plano secundário a integridade corporal, desprezando, portanto, a conservação da força e da beleza corpórea, para dar lugar ao espírito de sacrifício, ao sentimento de caridade. E assim houve um período verdadeiramente sombrio, e em perfeito antagonismo aos períodos anteriores, até que surgiram homens denodados, batendo-se em pró da educação physica, collocando-a no seu verdadeiro plano (MELLO, 1935, p. 2-3).

Possivelmente, ocorreu uma forte discussão sobre a Idade Média e o Cristianismo, apresentados como um período em que as conquistas relacionadas ao corpo, anteriormente alcançadas pelos gregos e romanos, foram menosprezadas. Para que fosse possível resgatar os valores da Educação Física bem como a prática de exercícios físicos, os alunos destacaram em seus trabalhos alguns autores, considerados os precursores da Educação Física. Para eles, esse grupo de intelectuais foi responsável por repor a Educação Física no caminho do seu desenvolvimento. Nesse sentido, em suas monografias os alunos mencionavam alguns métodos ginásticos, mas sempre davam maior ênfase ao método que lhes era ensinado na Escola de Educação Física, o Método Francês de Ginástica Francesa.

Em seu trabalho, Edith Kill Ferraz enfatiza que, a partir do século XVII,

[...] recomeçou o aparecimento de homens grandes pelo saber, pela inteligência e pelo estudo, reivindicando o direito das qualidades humanas, abrindo caminho e evolução que se veio acentuando até nossos dias.

[...]

Com os trabalhos dos precursores do século XVII, os do século XVIII compreenderam cada vez melhor a necessidade da prática dos exercícios como elemento indispensável à saúde.

[...]

No começo do século, aparece uma obra de Van Dale: "Dos ginastica". Mais tarde surge uma outra: "Medicina Ginastica", de Fullet.

[...]

Entre os filósofos que trabalharam em face dos exercícios físicos, salienta-se a figura incomparável de Rosseau, que pode ser considerado o maior batalhador da Educação Física. Sua obra foi "Emilio", obra esta que teve grande repercussão.

[...]

Muitos outros estudiosos figuraram nesse século. Entre eles podemos citar: João B. Basedow, Henrique Pestalozzi, Ludovico Jahn, Henrique Clias, Triar, que pode ser considerado o precursor moderno da educação física, Napoleão Laisné, etc. (FERRAZ, 1934).

Na monografia de Julieta Greppe, a autora destaca:

A História da Educação Física remonta ao tempo da aparição do homem sobre a terra, e vem escrita até nossos dias por acontecimentos importantes passados nas sociedades humanas; na antiguidade oriental; nos tempos heroicos da Grécia até o império Romano do ocidente; no período medieval, que abrangeu a idade média até o século XIV; no período subsequente, chamado do Renascimento, que decorreu do aparecimento de Vitorino da Feltre, no século XIV, e foi até George Demy, século XIX; e por fim, o período Contemporâneo, que chega aos dias atuais. [...] o MÉTODO FRANCEZ DE EDUCAÇÃO FÍSICA, que não é uma invenção recente, mas sim o resultado de "um século de contínuos e pertinazes estudos através a ciência, quer no domínio analítico das leis da mecânica animal, quer no terreno da fisiologia aplicada ou ainda nas observações de carácter prático realizadas antes da grande Guerra e nos métodos aplicados durante ela para o rápido preparo das classes jovens".

[...]

A expressão educação física surgiu no regulamento de 1910 em substituição à palavra ginástica, por proposta de Demy, que com isso desejou frisar com mais nitidez que a formação do indivíduo deve indiscutivelmente entrar no quadro da sua educação geral. Eram as ideias de Pestalozzi e Amoros que se efetivavam.

[...]

O Método Francez de Educação Física, hoje adotado no Exército Nacional e também em nosso Estado, "rico de experiências do passado, em perfeita concordância com as descobertas científicas mais recentes, satisfaz cabalmente as necessidades porque continua a tradição da escola francesa, que era a mais aceitável, e tem por fim, em sua evolução, o aperfeiçoamento da raça" (GREPPE, 1933, grifos do autor).

A ênfase nos precursores e no Método Francês de Ginástica observada nas monografias evidencia que os alunos retratavam o discurso dominante naquela época. Esperava-se que eles fossem capazes de compreender como se havia estruturado a Educação Física, seja na vertente científica, como era ensinado no Curso de

Educação Física, seja na vertente religiosa, destacada por alguns em seus escritos, conforme foram capazes de relacionar a origem da Educação Física.

Como salientam Chartier (2002) e Certeau (1994), o pesquisador não pode menosprezar as possíveis intencionalidades, as estratégias e as táticas presentes nos objetos escritos.

Uma história das leituras e dos leitores (populares ou não) trata, portanto, da historicidade do processo de apropriação dos textos. Ela considera que o mundo dos textos é um mundo de objetos ou de formas cujas estruturas, dispositivos e convenções sustentam e constroem a produção de sentido. Considera, igualmente, que o mundo do leitor é constituído pela comunidade de interpretação a que ele pertence, que se define por um mesmo conjunto de competências, usos, códigos e interesses. Daí a necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos objetos escritos e aos gestos dos sujeitos leitores (CHARTIER, 2002, p. 124).

É importante compreender que as produções monográficas foram elaboradas sob a vigilância de um discurso autorizado. Assim sendo, os alunos operaram seus modos de leitura e escrita como movimentos táticos, dentro de um grupo, visando discutir as temáticas relevantes, sem que seus trabalhos entrassem em confronto direto com o que vinha sendo estudado na disciplina de História da Educação Física.

Era objetivo da Escola de Educação Física do Espírito Santo que os alunos, ao final de seu processo formativo, estivessem aptos a compreender como havia sido criado e difundido historicamente o Método Francês. Seria incoerente se em suas produções monográficas eles apresentassem uma opinião ou uma crítica contrária a esse modelo de ginástica, mesmo porque os alunos tinham ciência de que os trabalhos seriam apresentados perante uma banca avaliadora, da qual, predominantemente, fariam parte os professores da Escola, responsáveis pela formação desses alunos e pela difusão do Método Francês, de acordo com o regulamento n.º 7 da Educação Física.

2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Constatamos que a produção de monografias, a partir da turma de 1932, ou seja, da segunda turma, tornou-se obrigatória e foi utilizada como requisito de avaliação parcial para a diplomação em Educação Física. Ao produzirem os trabalhos

de final do curso, os alunos deveriam apresentar uma síntese do que tinham estudado acerca de um tema no decorrer da sua formação. Esse movimento intelectual possibilitou que os conhecimentos da Educação Física fossem difundidos, contribuindo não apenas para o meio escolar, como esperava o projeto do processo formativo, pautado nas orientações do *Regulamento n.º 7 da Educação Física*, mas também para o desenvolvimento dos conteúdos estudados, das disciplinas, das leis, entre outros aspectos que envolviam a Educação Física capixaba e brasileira.

A escrita das monografias que buscavam historicizar a Educação Física apresentava uma história linear, com caráter evolutivo, das práticas corporais das civilizações, expressas no livro *Histórico da Educação Física*, até chegar a uma espécie de ápice, que apontava para o Método Francês de Ginástica como o máximo do desenvolvimento da Educação Física para o período. Esse foi o método que se tornou oficial para o ensino da Educação Física nas escolas. Assim, esperava-se que a escrita dos trabalhos de final de curso desse a visibilidade à nova cultura pedagógica proposta no Regulamento n.º 7.

Os trabalhos que utilizaram a História da Educação Física como fonte de contextualização apresentavam uma breve história, mostrando as marcas do seu objeto no tempo. A História da Educação Física era considerada uma matéria que fornecia conteúdo para dar sentido aos objetos de estudo e mostrava a linearidade de um conhecimento que estava avançando e se desenvolvendo ao longo da história da humanidade.

As dez monografias que tinham como tema central discutir a História da Educação Física foram estruturadas segundo os conhecimentos da disciplina estudados durante o Curso. Os conteúdos programados para serem trabalhados na disciplina foram retirados dos capítulos do livro *Histórico da Educação Física*, que era o único material bibliográfico específico para essa disciplina disponível naquele momento.

Para a escrita das monografias, esperávamos que os alunos que iriam tematizar a História da Educação Física fossem utilizar o livro dos tenentes, mas eles não o registraram no final do texto, nas referências bibliográficas. Entretanto, ao analisarmos os trabalhos, localizamos trechos do *Histórico da Educação Física*,

confirmando nossa suspeita de que o livro também havia sido utilizado na escrita das monografias.

As monografias eram sínteses escritas, com três a cinco páginas em média. Isso pode significar que os alunos tinham um curto prazo para desenvolverem os trabalhos. Encontramos também evidências de que não haviam sido orientados pelos professores, uma vez que os temas eram de livre escolha. Além disso, não há registros da participação do corpo docente em orientação, nem mesmo de uma carga horária a eles destinada para que pudessem dedicar algum tempo a orientar os alunos.

A constatação de que não houve orientação docente na elaboração das monografias veio confirmar nossa suposição de que os alunos tinham “liberdade” na escolha de temas pelos quais se interessassem, cujo conteúdo dominassem e com os quais estivessem mais familiarizados. Os alunos que tematizaram a História da Educação Física, por exemplo, tinham como recurso um livro que sintetizava esse conhecimento, o que os auxiliava na construção de seus trabalhos de conclusão de curso. Essas monografias apresentavam os conteúdos do livro como fonte. Também foi possível identificar trechos desse livro citados na construção textual dos trabalhos.

As monografias apresentavam um discurso comum em relação à história. Nelas explicava-se que a Educação Física havia evoluído com a sociedade até o ponto de se configurar como um método moderno que abrangia desde a infância até a idade mais avançada. O Método Francês foi sinalizado nesses trabalhos como um ápice do desenvolvimento da Educação Física, superando todas as outras práticas já vivenciadas.

Na construção das monografias, os alunos buscavam contextualizar, por meio da História da Educação Física, a trajetória percorrida pela Educação Física desde os seus primórdios até o momento vivenciado em seu processo de diplomação. As poucas fontes e a escassez de material didático sobre o assunto fizeram com que o livro *Histórico da Educação Física* se tornasse obra de referência para a disciplina e para a elaboração da pesquisa. Por esse motivo, as dez monografias produzidas sobre História da Educação Física não tinham um posicionamento muito divergente,

exceto a elaborada pela aluna Hilda Santos, que buscou apontar uma nova possibilidade sobre a origem da Educação Física na perspectiva do criacionismo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos discutir aqui uma questão complexa que é o ensino da disciplina História da Educação Física. Para isso, buscamos compreender como era ensinada na década de 1930, período marcante da Educação Física, ocasião em que foram instituídos os primeiros cursos nessa área destinados aos civis no Brasil.

Ao aprofundarmos o nosso olhar na história, investigamos como foi ensinada a disciplina no Departamento de Educação Física do Espírito Santo, criado em 26 de junho de 1931, que funcionou, num primeiro momento, como Curso de Emergência em Educação Física.

Analizando o currículo do Curso, identificamos que, desde a sua criação, a Instituição já havia determinado a inclusão de uma disciplina específica destinada ao ensino da História da Educação Física, cujo objetivo era balizar uma produção da história da humanidade, constituindo uma identidade própria para a Educação Física, capacitando os futuros professores a articular os conhecimentos relacionados a diferentes culturas com a história da evolução das civilizações e de suas práticas corporais. Essas, portanto, são justificativas que levam a compreender que a Educação Física, embora ainda não existisse como uma disciplina pedagógica, já era praticada nos diferentes modelos culturais das sociedades.

A disciplina em estudo tinha por função reforçar e consolidar a importância de se ter a Educação Física como componente curricular obrigatório nas escolas. Mais que isso, também era uma de suas atribuições legitimar o Método Francês de Ginástica como o mais adequado para a especificidade brasileira, reforçando assim o discurso político que tornou oficial no Brasil um método europeu. A História poderia ser a ferramenta que contribuiria para validar a preferência por esse método, atribuindo-lhe um discurso autorizado, portanto, reconhecido.

Considerando o referencial sugerido para o ensino de História da Educação Física na década de 1930, constatamos a existência de um importante material didático, elaborado especificamente para o ensino da disciplina em questão. Trata-se do livro *Histórico da Educação Física*, escrito pelos tenentes Bonorino, Molina e

Medeiros no ano de 1931. Pode-se entender que esse livro era um compêndio contendo recortes de obras da literatura europeia, em especial a literatura francesa, que apresentava os períodos clássicos da história das civilizações destacados como os mais relevantes para se ter uma visão da origem da Educação Física.

Identificamos, também, que todos os conteúdos do programa de História da Educação Física se fundamentavam no livro dos tenentes. Os assuntos a serem ensinados eram idênticos aos contidos no sumário da obra, o que evidenciava ser esse livro didático a principal referência para o ensino da história nessa área.

A obra também discorria sobre os principais métodos ginásticos. Todavia sempre apresentava as fragilidades de cada método. Essas críticas assumiam o posicionamento de um discurso que buscava tornar-se hegemônico, procurando sempre o engrandecimento do Método Francês de Ginástica como o mais completo, pois tinha suas bases científicas pautadas nos conhecimentos da Fisiologia e da Pedagogia, que possibilitavam o desenvolvimento de uma ginástica aplicada a todas as fases do desenvolvimento do ser humano, desde a infância, passando pela fase adulta, até a velhice.

Nossa investigação também evidenciou os discursos produzidos pelos alunos sobre a História da Educação Física bem como os discursos oficiais de que eles se apropriaram. Ao analisarmos as monografias produzidas entre os anos de 1932 e 1939, identificamos os usos de instrumentos balizadores do ensino de História da Educação Física, uma reafirmação das concepções estudadas. Por meio das monografias, pudemos compreender a apropriação e a eficiência de um discurso pulverizado nas disciplinas e em evidência no ensino de História da Educação Física. Nesse momento é que pudemos constatar que se produzia uma nova Educação Física brasileira, com um método e um discurso oficial para os futuros professores, garantindo que o Método Francês de Ginástica seria ministrado por esses agentes em suas aulas nas escolas daquele período.

Com base na análise dos programas da disciplina de História da Educação Física, pudemos concluir que, embora haja uma similaridade entre os conteúdos estudados na atualidade e os que veicularam na década de 1930, como, por exemplo, os conteúdos clássicos, que são ensinados em ambos os períodos, há uma grande

lacuna no que se refere aos propósitos do estudo da História da Educação Física na década de 1930, que, naquela ocasião, tinha como principal objetivo legitimar um discurso sobre a evolução dos métodos ginásticos até chegar ao método oficializado no Brasil, levando à compreensão de que este seria o melhor para se ensinar a Educação Física por atender as necessidades do povo brasileiro. Todavia, o que vem sendo ministrado atualmente como História da Educação Física tem uma conotação diferente, pois a Educação Física, atualmente, já alcançou o *status* de disciplina escolar (embora reconheçamos as críticas e os paradigmas a ela relacionados na década de 1980), portanto não é preciso mais legitimá-la, como foi feito década de 1930, pois a Educação Física é essencial ao desenvolvimento do processo de escolarização.

4 REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. **Subsídios para um dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. 2004. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/download/dic_term_arq.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2016.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONORINO, Laurentino Lopes; MOLINA, Antônio de Mendonça; MEDEIROS, Carlos Marciano de. **Histórico da educação física**. Vitória: Imprensa Oficial, 1931.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Acesso à informação**. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/MTQ4Ng==/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MjE=>>>. Acesso em: 10 de jan. 2017.

_____. Decreto lei n. 19.890, de 18 de abril de 1931. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2019.890%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm>. Acesso em: 10 de jan. 2017.

BRUSCHI, Marcela. **As mulheres na escolarização da educação física no Espírito Santo**: professoras e autoras (1931-1936). 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CAMPOS, Francisco. Exposição de motivos. In: BRASIL. Ministério da Educação e Saúde Pública. **Organização do ensino secundário**. Porto Alegre: Globo, 1933. p. 5-10.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (Org.). **Brasil 500 anos**: tópicos em história da educação. São Paulo: Edusp, 2001. p. 137-167.

_____. **A escola e a república e outros ensaios**. São Paulo: Universitária São Francisco, 2003.

CASTRO, Celso. In corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, n. 2, p. 61-78, 1997. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/458.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2017.

CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO DE VITÓRIA. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.ucv.edu.br/bem-vindo>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

CERTEAU, Michael de. Fazer com: usos e táticas. In: _____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 10. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004. p. 91-106.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 11, p. 115-127, jan./abr. 1991.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Câmara de Ensino Superior. **Parecer n.º 138, de 3 de abril de 2002**. Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Educação Física. Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2002/pces138_02.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

_____. Câmara de Ensino Superior. **Parecer n.º 274, de 6 de julho de 2011**. Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Educação Física. Brasília, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8772-pces274-pdf&category_slug=setembro-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CORREA, Denise Aparecida. **Os governos de Getúlio Vargas (1930 – 1945) e a educação física escolar no estado de São Paulo**: lembranças de velhos professores. 2009. 230 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade do Brasil: um itinerário marcado de lutas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 10, p. 16-32, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n10/n10a03.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

FERREIRA NETO, Amarílio. Ensino de história da educação física no Espírito Santo. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 3., 1995, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Coletânea, 1995.

_____. **A pedagogia do exército na escola: a educação física brasileira (1880-1950)**. Aracruz: Facha, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Relações de força: história, retórica, prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola.** 1992. 223 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, n. 1, p. 9-44, 2001.

LE GOFF, Jaques. **História e memória.** 3. ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1990.

_____. _____. 5. ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 2003.

MACHADO, Helena Corrêa; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Como implantar arquivos públicos municipais.** 2. ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000. v. 3.

MELO, Victor Andrade de. História da educação física no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 1994, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Coletânea, 1994.

_____. Porque devemos estudar história da educação física nos cursos de graduação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997. p. 738-744.

SCHNEIDER, Omar. **A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do Segundo Império.** 2007. 306 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SCHNEIDER, Omar; LOCATELLI, Andrea Brandão. **Educação física, educação e escolarização.** Vitória: NE@D/Ufes, 2013.

SILVA, Dirce Maria Corrêa da. **A Escola de Educação Física do Espírito Santo: suas histórias, seus caminhos (1931-1961).** 1996. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1996.

TAVARES, Otávio et al. Estudos olímpicos – Academia Olímpica Brasileira – educação olímpica. In: COSTA, Lamartine Pereira da (Org.). **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Confef, 2006. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/292.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

4.1 FONTES DE APOIO

ANDRADE, Léa Manhães de. **Ação do físico sobre o moral**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1939.

BASILIO, Berilo. **A educação física através da história**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1932.

BENEZATH, Adão. **O valor dos jogos** – ação do instrutor. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1935.

BRASIL. Ministério da Guerra. **Programa geral de ensino**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1933.

BRASIL. Portaria n.º 811, de 11 de março de 2005. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 14 mar. 2005. Seção 1, p. 5. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=5&data=14/03/2005>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

CARDOSO, Celina. **A dança e a ginástica rítmica na educação física feminina**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1934.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Decreto-Lei n.º 1.366, de 26 de junho de 1931. Crêa o Departamento de Cultura Physica do Estado. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Victoria, 27 jun. 1931a. p. 600.

_____. **Ata de instalação solene do Curso de Educação Física**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1931b.

_____. **Instruções sobre o curso especial de educação física**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1931c.

_____. Departamento de Educação Física. **Programas de disciplinas**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1931d.

_____. Secretaria da Instrução. **Boletim diário**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1932a.

_____. **Escola de Educação Física**: relatório do período letivo de 1932. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1932b.

_____. **Curso especial de educação física**: diretivas para organização dos programas dos instrutores e professores. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1933.

_____. **Sabatina de história de educação física**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1934.

_____. **Folha de exercício do pessoal docente e administrativo**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1935.

_____. Secretaria de Educação e Saúde. **Lei n.º 98, de 24 de setembro de 1936**. Vitória, 1936.

_____. Secretaria de Educação e Saúde. **Lei n.º 1.380 de 28 de junho de 1939**. Vitória, 1939.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Escola Superior de Educação Física. **Movimento do curso de professores de educação física**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1941.

_____. **Folha de exercício do pessoal docente e administrativo (1931-1961)**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1961.

FERRAZ, Edith Kill. **Da educação física – sua origem - evolução**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1934.

FREITAS, Alda. **Músculo, cérebro, inteligência, força**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1939.

FREITAS, Napoleão. **Ação do físico sobre o moral**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1939.

GREPPE, Julieta. **Da aplicação da educação física**. Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1933.

GRIJÓ, Darcy Goulart. **O jogo e a ação dos instrutores**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1939.

GONÇALVES, Horácio Cândido. **Escola de Educação Física**: relatório do período letivo de 1933. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1933.

MADUREIRA, Dirceolinda. **A biometria na educação física**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1939.

MELLO, Divia de Carvalho. **A arte de viver**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1935.

PLANO DE ENSINO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1933.

PIOVESAN, Alva. **A educação física e atletismo**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1933.

PIOVESAN, Ios. **A higiene na educação física**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1933.

ROCHA, Sylvia. **O cristianismo como entrave ao desenvolvimento da educação física**: o renascimento - alguns precursores. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1933.

SANTOS, Ilda Ferreira dos. **Eva e a educação física**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1935.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. Departamento de Ginástica. **Plano de ensino**. Vitória, 2000.

_____. Centro de Educação Física e Desportos. Departamento de Ginástica. **Plano de ensino**. Vitória, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – Decreto Estadual n.º 1.366, de 26 de junho de 1931. Cria o Curso de Educação Física no estado do Espírito Santo.

Decreto n.º 1.366

Crêa o Departamento de Cultura Physica do Estado.

O Interventor Federal no Estado do Espírito Santo, usando de attribuições que por lei lhe são conferidas, e

Considerando que a educação da mocidade escolar, segundo os modernos preceitos pedagogicos, deve ser integral, visando o desenvolvimento harmonico das aptidões intellectuaes e physicas;

Considerando que os exercicios corporaes recommendados para o robustecimento do organismo e sua necessaria resistencia contra os elementos destruidores da saude não sao devidamente praticados nos nossos estabelecimentos educativos, por falta, sem duvida, de accao directiva, controladora e fiscalizadora exercida por pessoas especializadas na materia, pois de outro modo nao se comprehenderia o desprezo em que se encontra a cultura physica, quando todos reconhecessem sua conveniencia e utilidade e os programas escolares aconselham e recommendam;

Considerando que a existencia de um aparelho administrativo encarregado de promover e dirigir a educacao physica em nossas escolas lhe dara certamente maior amplitude e eficiencia, afim de que possa corresponder a aspiracao coletiva relativamente ao preparo de homens fortes e sadios,

DECRETA:

Art. 1º - Fica creado o Departamento de Educacao Physica do Estado, que funccionara directamente subordinado à Secretaria da Instrucao.

Art. 2º - Ao Departamento competira diffundir, regulamentar e controlar a pratica da educacao physica em todos os estabelecimentos estadoaes de ensino.

Art. 3º - O Departamento mantera annualmente um curso especial que funccionara durante o periodo das ferias escolares, com o fim de habilitar o professorado estadual a ministrar a instruccao de educacao physica pelo methodo moderno.

Art. 4º - O funcionamento do curso especial a que se refere o artigo anterior será opportunamente regulamentado pelo Departamento de Educacao Physica.

Art. 5º - O Departamento de Educacao Physica tera os seguintes funcionarios:

1 director

1 secretario

1 dactylographo

1 auxiliar de escripta

§ 1º - A designacao para o cargo de director do Departamento de Educacao Physica so podera recahir em um tecnico devidamente habilitado.

§ 2º - A nomeacao do pessoal do Departamento de Educacao Physica ficara a cargo da Secretaria da Instruccao.

Art. 6º - O dactylographo e o auxiliar de escripta serao escolhidos dentre os funcionarios do quadro da Secretaria da Instruccao, sem maior onus para o Estado.

Art. 7º - Fica adoptado nos estabelecimentos estadoaes de ensino o Methodo Francez de educacao physica.

Art. 8 º - A Federaçao Espírito-Santense de Escoteiros passa a fazer parte do Departamento de Educacao Physica.

Art. 9 ° - Revogam-se as disposicoes em contrario.

Victoria, 26 de junho de 1931.

JOAO PUNARO BLEY

Joao Manoel de Carvalho